

A ATITUDE DIAGNÓSTICA ENQUANTO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DA AÇÃO EDUCATIVA

Volume II

Maria Paula Marmelo Mendes Maximino

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em Ciências de Educação

ORIENTAÇÃO: *Professor Doutor Luís Barbosa*
CO-ORIENTAÇÃO: *Professor Doutor Manuel Lopes*

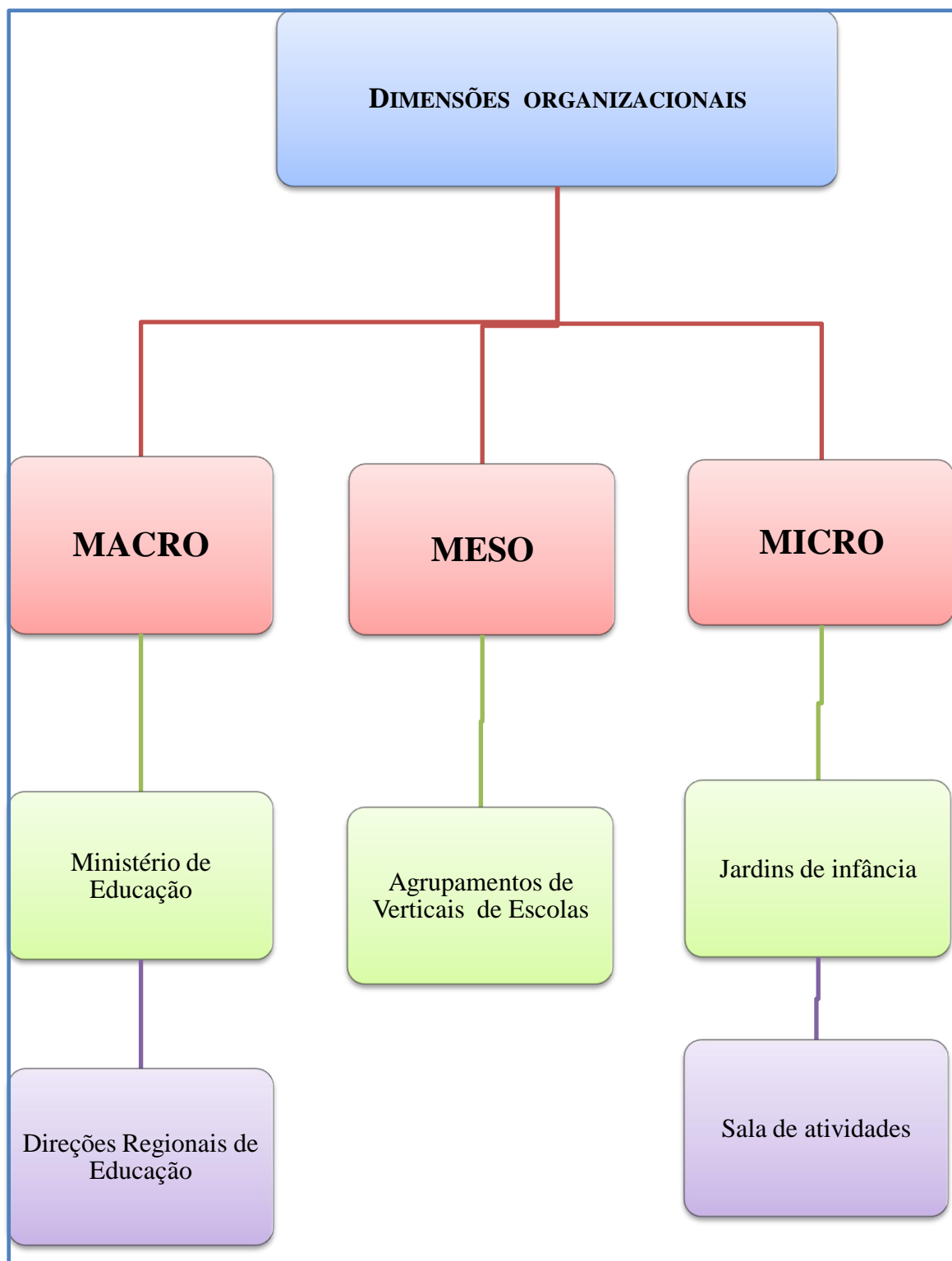
ÉVORA, MAIO DE 2012





Contactos:

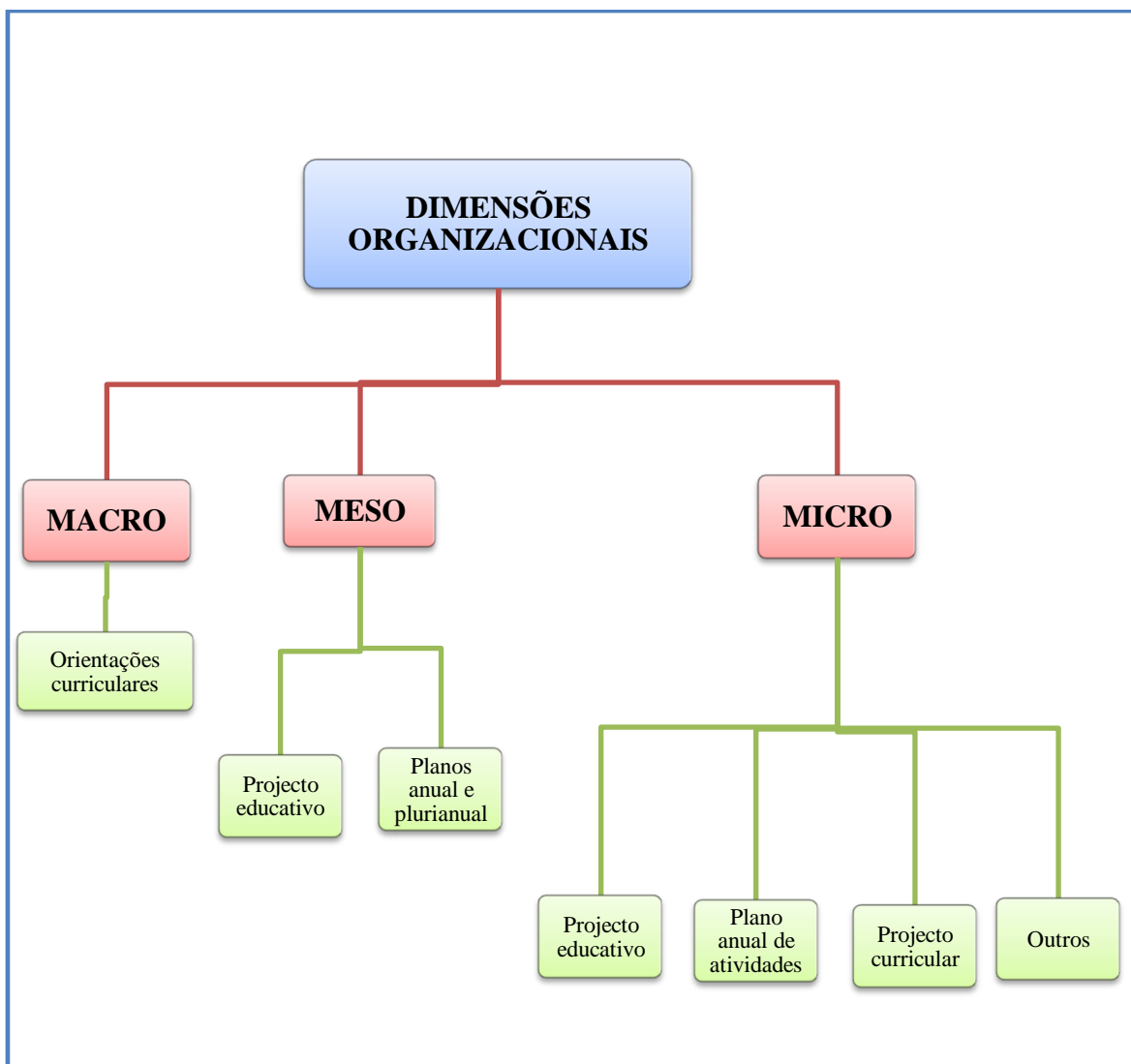
Universidade de Évora
Instituto de Investigação e Formação Avançada - IIFA
Palácio do Vimioso | Largo Marquês de Marialva, Apart. 94
7002-554 Évora | Portugal
Tel: (+351) 266 706 581
Fax: (+351) 266 744 677
email: iifa@uevora.pt



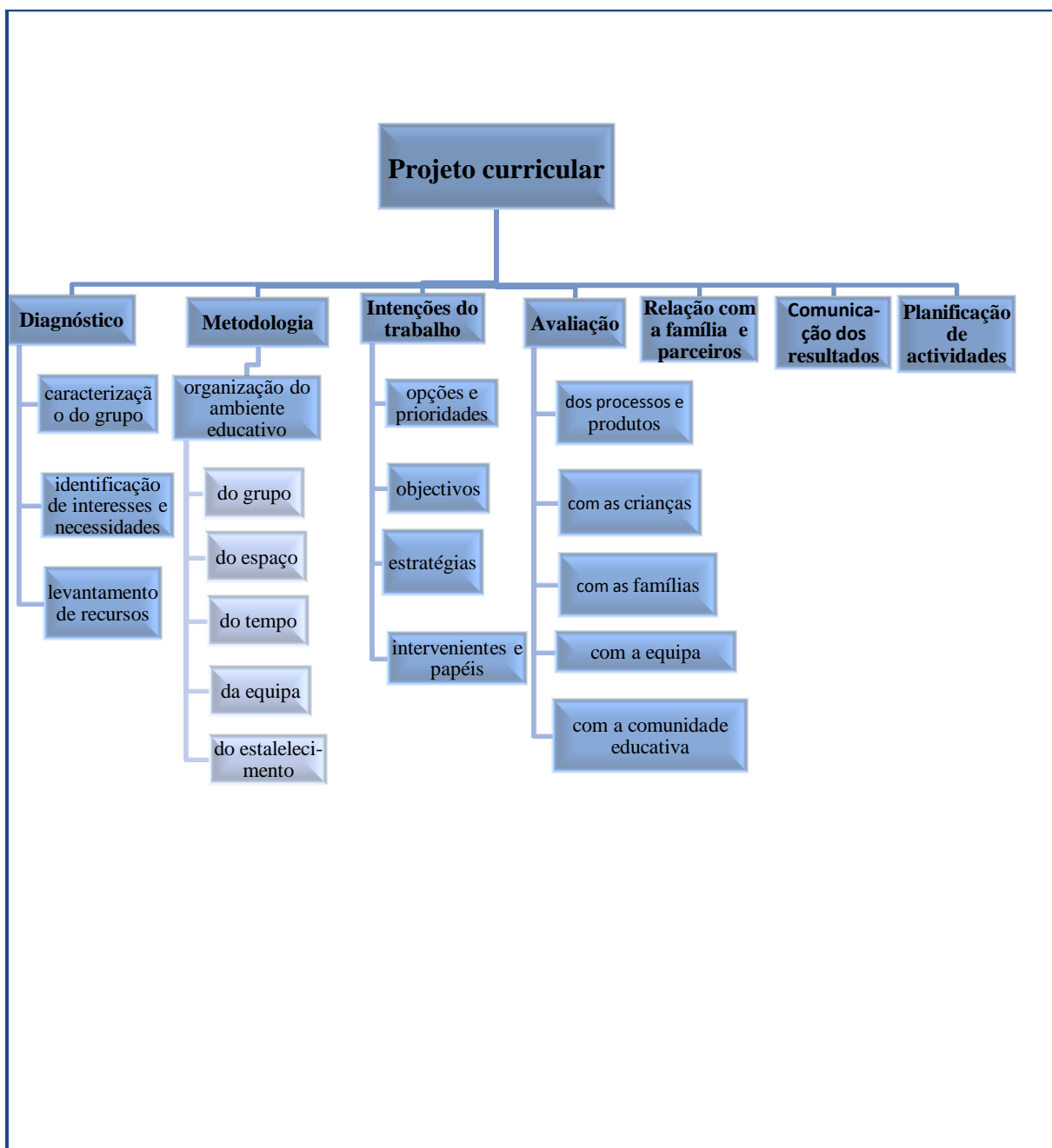
ANEXO II- ÓRGÃOS DE GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DOS AGRUPAMENTOS DE ESCOLAS

Órgãos	Composição	Competências
Conselho geral	<ol style="list-style-type: none"> 1. Representantes do pessoal docente e não docente; 2. Representantes dos pais e encarregados de educação; 3. Representantes dos alunos; 4. Representantes do município; 5. Representantes da comunidade local. 	<ol style="list-style-type: none"> a) Eleger o diretor; b) Aprovar o projeto educativo e acompanhar e avaliar a sua execução; c) Aprovar o regulamento interno do agrupamento de escolas; d) Aprovar os planos anual e plurianual de atividades; e) Apreciar os relatórios periódicos e aprovar o relatório final de execução do plano anual de atividades; f) Definir as linhas orientadoras para a elaboração do orçamento; g) Definir as linhas orientadoras do planeamento e execução, pelo diretor, das atividades no domínio da ação social escolar; h) Promover o relacionamento com a comunidade educativa; i) Definir os critérios para a participação da escola em atividades pedagógicas, científicas, culturais e desportivas. j) Outras
O diretor	<ol style="list-style-type: none"> 1. O diretor; 2. Um subdiretor; 3. Um a três adjuntos. 	<ol style="list-style-type: none"> a) Superintender na constituição de turmas e na elaboração de horários; b) Distribuir o serviço docente e não docente; c) Designar os coordenadores de escola ou estabelecimento de educação pré-escolar; d) Gerir as instalações, espaços e equipamentos, bem como os outros recursos educativos; e) Estabelecer protocolos e celebrar acordos de cooperação ou de associação com outras escolas e instituições de formação, autarquias e coletividades; f) Proceder à seleção e recrutamento do pessoal docente; g) Dirigir superiormente os serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos; h) Exercer o poder hierárquico em relação ao pessoal docente e não docente; i) Exercer o poder disciplinar em relação aos alunos; j) Intervir nos processos de avaliação de desempenho do pessoal docente; k) Proceder à avaliação de desempenho do pessoal não docente. l) Outras

Conselho pedagógico	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coordenadores dos departamentos curriculares; 2. Representantes das estruturas de coordenação e supervisão pedagógica e de orientação educativa; 3. Representantes dos pais e encarregados de educação; 4. Representantes dos alunos. 	<ol style="list-style-type: none"> a) Elaborar a proposta de projeto educativo; b) Apresentar propostas para a elaboração do regulamento interno e dos planos anual e plurianual de atividade; c) Emitir parecer sobre os respetivos projetos; d) Apresentar propostas e emitir parecer sobre a elaboração do plano de formação e de atualização do pessoal docente e não docente; e) Definir princípios gerais nos domínios da articulação e diversificação curricular, dos apoios e complementos educativos e das modalidades especiais de educação escolar; f) Propor o desenvolvimento de experiências de inovação pedagógica e de formação; g) Promover e apoiar iniciativas de natureza formativa e cultural; h) Definir os requisitos para a contratação de pessoal docente e não docente; i) Proceder ao acompanhamento e avaliação; j) Outras.
Conselho administrativo	<ol style="list-style-type: none"> 1. O diretor; 2. O subdiretor ou um dos adjuntos do diretor; 3. O chefe dos serviços de administração escolar. 	<ol style="list-style-type: none"> a) Aprovar o projeto de orçamento anual; b) Elaborar o relatório de contas de gerência; c) Autorizar a realização de despesas e o respetivo pagamento, fiscalizar a cobrança de receitas e verificar a legalidade da gestão financeira; d) Outras.



ANEXO IV- PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DO PROJETO CURRICULAR



ANEXO V- QUADROS DEMOGRÁFICOS DA POPULAÇÃO ESCOLAR

QUADRO DE DISCENTES

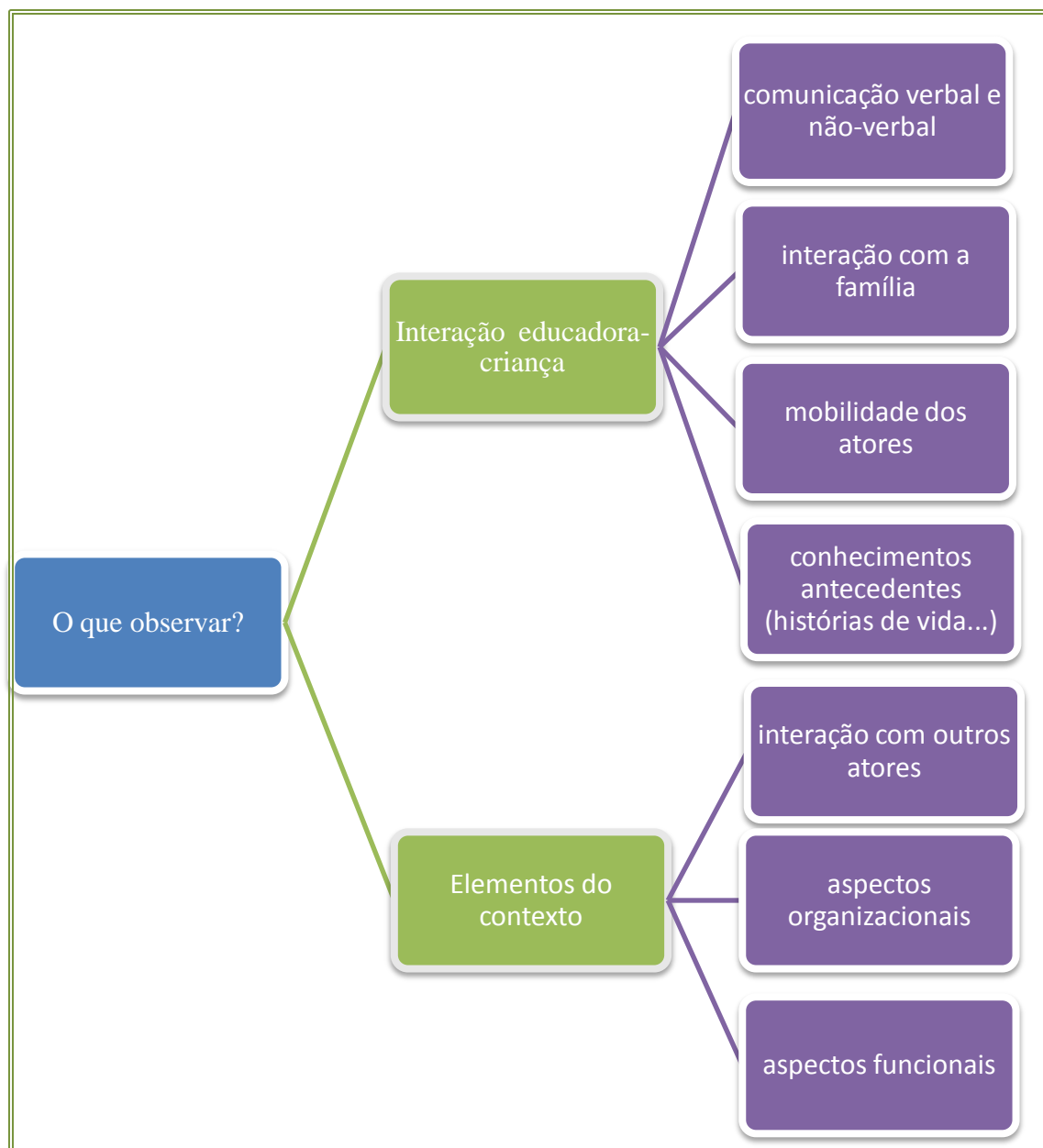
Níveis de ensino	Rácio de alunos	Idades
Pré-escolar	≥ 80 e ≤ 270	≥ 3 e < 6 anos
1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico	≥ 800 e ≤ 1130	> 6 e ≤ 16 anos

QUADRO DE DOCENTES

Grupos de docência	Distribuição de professores	Quadros de nomeação
Pré-escolar	≥ 12 e ≤ 25	Nomeação definitiva/ vinculação e contratados
1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico	≥ 108 e ≤ 125	Nomeação definitiva/ vinculação e contratados

QUADRO DE ASSISTENTES OPERACIONAIS

Assistentes operacionais	Distribuição de assistente	Quadros de nomeação
Pré-escolar	≥ 30 e ≤ 50	Quadro/ o contrato a termo certo / contrato individual



ANEXO VII- GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

Locais a observar		<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>Hall</i> de entrada ✓ Sala de atividades ✓ Sala de lanches ✓ Pátio exterior
Momentos de observação		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Antes das atividades letivas (8h-45m) ✓ À entrada do período da manhã (9h-00m) ✓ À entrada do período da tarde (13h-30m) ✓ Após os intervalos (11h-00m) ✓ As atividades livres e orientadas
Posturas durante a observação	Apresentação e atitudes	<p>Informar todos os atores da presença da investigadora. Informar da postura da investigadora. Estar munidas de cadernos de anotações e gravador de áudio. Cumprimentar socialmente à chegada e no final. Sentar discretamente, o mais próximo possível da educadora, procurando não interferir no espaço. Não suscitar interações. Acompanhar as movimentações da educadora e das crianças. Manter em silêncio e concentrados nas interações. Fazer os registos discretamente. Não mostrar os registos. Estar atentos às interações entre educadora-criança (s). Estar atentos às interações educadoras-familiares/acompanhantes. Estar atentos às interações de continuidade. Usar movimentações discretas.</p>
Registos		<p>Fazer descrições das interações ocorridas em contexto. Acrescentar aspetos pertinentes à compreensão do fenómeno.</p>

ANEXO VII- GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

Aspetos observar	Sala de atividades/ hall de entrada	<p>ANTES DO PERÍODO LETIVO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Presença de atores. ✓ Distribuição dos atores. ✓ Mobilidade dos atores. ✓ Interação dos atores (crianças, famílias, técnicos, outros). <p>CONTEXTO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Presença e nível dos ruídos.
	No sala de atividades	<p>INÍCIO DAS ATIVIDADES LETIVAS: Observar as interações entre as crianças/familiares, auxiliar e educadora no momento em que chegam ao jardim-de-infância.</p> <p>As crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Como entram na sala (expressão facial, mobilidade,...) ✓ Entram sozinhas ou acompanhadas? Quem as acompanham? ✓ A quem se dirigem? Como se dirigem? O que dizem? ✓ Usam que tipo de comunicação? ✓ Para onde se dirigem? O que vão fazer? E com quem? <p>As educadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Como reagem à presença das crianças e dos acompanhantes? ✓ Como é a forma de cumprimento? ✓ Que tipos de comunicação usam? ✓ Com quem interagem? E como o fazem? ✓ Quais as suas mobilidades? Vão para onde e dizem o quê? ✓ Usam a proximidade física? Tocam-se? ✓ Tomam decisões? Quais? <p>Os familiares/acompanhantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Como reagem à presença da educadora? ✓ Aproximam-se ou afastam-se de imediato? ✓ Cumprimentam-se? De que forma? ✓ Comunicam com a educadora? Como? Durante quanto tempo? Do que falam? ✓ Têm participação ativa da conversa? Ou ficam submissas? <p>CONTEXTO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Presença e nível dos ruídos.

ANEXO VII- GUIÃO DE OBSERVAÇÃO

Aspetos observar	Sala de atividades	<p>DURANTE AS ATIVIDADES LETIVAS: Observar as interações entre as crianças/ educadora</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem está presente? Onde? ✓ Como se movimentam no espaço ? ✓ Como estão distribuídos? Escolheram sozinhos? ✓ O que fazem? Como? Com quem? Durante quanto tempo? ✓ Interação dos atores (crianças, técnicos, outros) ✓ Quem toma a iniciativa? Como o faz? ✓ O que diz? Como é que o diz? Qual o tom de voz? ✓ A interação é de grupo? Ou pessoal? ✓ Existe proximidade? Que tipo de proximidade? ✓ Existe continuidade da interação relativamente a interações anteriores? ✓ O que faz a criança? Com quem fala? O que diz? Como é que diz? Durante quanto tempo? <p>CONTEXTO:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Presença e nível dos ruídos ✓ Presença de outros atores. ✓ O que fazem? Com quem interagem? Como fazem? De que forma? Durante quanto tempo?
	Sala de atividades Hall de entrada	<p>NO FINAL DAS ATIVIDADES LETIVAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem está presente? O que fazem? Como fazem? ✓ O que dizem? Como dizem? <p>Os familiares/acompanhantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem vem buscar a criança? ✓ Esperam à entrada? Ou entram na sala de atividades? Durante quanto tempo? ✓ Como são as suas expressões faciais? ✓ A quem se dirigem? O que dizem? Como é que dizem? ✓ Têm participação ativa da conversa? Ou ficam submissas? ✓ Que grau de proximidade estabelecem com a criança e com a educadora? ✓ Como se despedem? <p>As crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A quem se dirigem? Como o fazem? O que dizem? ✓ Qual é a sua expressão facial? ✓ Como se movimentam? ✓ Como se despedem? <p>As educadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Qual a atitude da educadora? ✓ Como se movimenta? ✓ Com quem fala? O que diz? Como é que diz? Qual é tom de voz? ✓ A conversa é pública ou privada? ✓ Existe proximidade com a criança? E com os familiares? ✓ Como se despedem?

ANEXO VIII- GUIÃO DE ENTREVISTA

INTRODUÇÃO	COMENTÁRIOS
Explicação sumária do estudo a desenvolver.	
1- Explicação da entrevista: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os objetivos. ✓ A postura da entrevistadora durante a entrevista. ✓ A estrutura da entrevista. ✓ A gravação dos dados. ✓ O tratamento dos dados. ✓ A confidencialidade dos dados. 	<p>Reforçar a confidencialidade dos dados e das pessoas.</p> <p>Referir a ausência de juízos de valor.</p>
2- Solicitação e registo da autorização para efetuar a entrevista e a sua gravação em suporte magnético.	Gravar a autorização.
3- Objetivo da entrevista: Obter a renomeação factual e cronológica das situações e acontecimentos episódicos observados.	Emitir sinais verbais e não-verbais de atenção e compreensão do que vai sendo explicitado.
4- Questão da entrevista: O que peço é que identifique o acontecimento episódico, o relato do princípio ao fim e refira o teu entendimento sobre o mesmo.	Solicitar esclarecimentos relacionados com a compreensão dos factos.
5- Objetivo da narrativa escrita: Obter a renomeação factual e cronológica de um acontecimento.	Acrescentar outras questões consideradas pertinentes considerando o objetivo e a história relatada.
Questão da narrativa: <i>No decorrer da tua prática educativa tiveste várias experiências significativas com o grupo e/ou individualmente com alguma(s) da(s) criança(s). O que te peço é que escolhas uma dessas experiências que consideras importante e me relates desde o seu início até ao fim. No final, gostaria que referisses o porquê dessa escolha.</i>	

Observação nº 1

Dia: 17 de Abril de 2008

Hora: 8h-45m-10h

Local: sala de atividades, *hall* de entrada

Equipa presente: educadora e uma assistente

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO EXTERIOR

O jardim-de-infância fica situado no interior da cidade e está integrado no espaço físico comum a uma escola do 1º ciclo do ensino básico. É um edifício adaptado de uma cantina escolar e fica situado nas traseiras do espaço escolar que se encontra murado e gradeado, sendo a entrada realizada por um portão de ferro estreito que dá acesso a um passeio também estreito que colide com uma rua com movimento rodoviário nos dois sentidos.

Chego ao jardim-de-infância cerca das 8h-45mn e no espaço exterior circulam algumas crianças que, pelo seu aspeto físico, parecem ser do 1º ciclo. À minha frente vai uma criança pela mão de uma figura masculina, em direção à entrada do jardim-de-infância. O portão encontra-se entreaberto e do interior não se ouve qualquer ruído. Ambos empurram o portão que provoca barulho. Do interior da sala vem a auxiliar que se apresenta com uma bata vestida e se dirige para a entrada. Sorri e dirige-se para os cabides, retira um bibe azul de um dos cabides identificado com uma fotografia e o nome de uma criança [S]. Em seguida, olha para a criança, sorri, baixa-se dá-lhe um beijo e diz:

- Bom dia, **S!**...- Então o pai hoje veio trazer-te à escola?

O menino está agitado, saltita, sorri, abana a cabeça e olha insistentemente para a sala de aula.

- Bom dia!...Pois hoje fui eu!- responde o pai, sorrindo e dirigindo o olhar pelo espaço envolvente.

Fico segundos à porta, enquanto a auxiliar termina a sua tarefa.

- Então **S** vai lá mostrar alguns dos teus trabalhos ao pai! Ele vai gostar! - continua a auxiliar, encaminhando ambos para o interior da sala.

Cumprimento ambos e a auxiliar dirige-se à minha pessoa ao mesmo tempo que estende o braço na direção da porta de entrada e diz:

- Bom dia!... Entre!... Entre... a **P** está no computador a terminar uns trabalhos para hoje!...- diz sorrindo.

Agradeço a atenção e entro na sala de atividades.

Na sala encontram-se duas crianças: uma sentada numa mesa a fazer um puzzle e uma outra que está numa cadeira específica, na posição vertical, com um pequeno tabuleiro onde se encontram algumas peças grandes de plástico. A criança roda a cabeça em vários sentidos e esboça ligeiros sorrisos longos.

O **S** já está na sala, entra na frente do pai e saltita de área em área, mas a auxiliar faz as explicações dos trabalhos, ele apenas aponta e sorri. O pai de braços cruzados observa o menino e olha atento o relato da auxiliar.

A educadora encontra-se sentada no computador, de costas voltadas para a porta de entrada, entretanto, levanta-se e cumprimenta ambos:

- Olá!... Bom dia! Bom dia **S**!- baixa-se, estende ambas as mãos, segura o rosto da criança e beija-a na testa. Estende a mão ao pai e cumprimenta-o: Bom dia!... Então hoje veio fazer-nos uma visita!- pergunta a sorrir, enquanto gesticula com a mão para que entre na sala.

Com o olhar nos elementos que acabaram de entrar na sala- criança, pai e a assistente - estende a mão na minha direção e manda-me um beijo e rodando a mão pela sala para que possa assumir a minha posição.

A auxiliar retira-se da sala e vai para o *hall* de entrada ajeitar o casaco do **S**, pendurando-o no cabide. A educadora conversa com o pai do **S**. Conversam sobre a mudança de instalações que se irá realizar num futuro próximo. **S** vai buscar um jogo e senta-se junto do colega.

Chega uma criança acompanhada da avó. Entra na sala de aula, sorri e traz o bibe já vestido. A avó fica alguns segundos parada na ombreira da porta, depois dirige-se à neta que ficara parada na mesa dos jogos [**junto à porta da entrada**] e diz-lhe ao ouvido, algo impercetível.

A criança saltita até à educadora. Esta com os braços abertos, abraça-a e diz: - **MA**...ocas, está boa querida?- A criança recebe o beijo, abana a cabeça afirmativamente, vai até ao armário dos jogos, escolhe um e dirige-se para uma das mesas e inicia o jogo.

A educadora continua a conversar com o pai do **S**.

A avó roda o olhar pela sala e fixa-o na menina que está no aparelho. Dirige-se a ela e faz-lhe um afago na cabeça e sorri. A menina esboça um pequeno sorriso. Dá mais uma pequena volta pela sala, abeira-se da educadora e diz-lhe algo que não consigo ouvir, pois o ruído na sala aumenta e a senhora fala em tom baixo. A educadora fixa o olhar na senhora, fica segundos em silêncio e depois responde:

- Para a semana combinamos algo, está bem avó?- pergunta sorrindo, fletindo o tronco e cabeça. Toca-lhe no braço. Prolonga o gesto pelo braço, enquanto fala e sorri. A avó abana a cabeça afirmativamente e encaminha-se para a porta.

Mais uma criança entra na sala. A educadora dirige-se para a porta. A criança esconde-se atrás das pernas da mãe e a educadora faz um afago na sua cabeça e diz:

- Então mãe, tudo bem?- flete a cabeça, dirige o olhar para a criança. Procura o olhar da criança, movimentando-se à volta dos movimentos que a criança faz.

- Assim!... Assim!...- responde a mãe, abanando a cabeça e tocando ligeiramente nos ombros da criança.

Entre elas estabelece-se um diálogo que não é percetível à distância a que me encontro. A criança afasta-se de ambas e dirige-se para junto da mesa dos jogos e escolhe um que vai fazer numa mesa ao lado.

Surge um conflito. Quatro meninos puxam por um jogo em simultâneo, não existe diálogo entre eles. Apenas movimentos de braços em torno do jogo. Acabam por se sentar à mesa. O jogo continua a ser disputado em cima da mesa. A educadora interrompe a conversa com a mãe, desloca-se até à mesa, debruça-se sobre a mesma e olha para as crianças.

MA mantém os braços sobre a mesa e dentro desse espaço guarda todos os carros. A educadora diz:

-Vamos lá meninos!... Vocês sabem que esse jogo só dá para jogarem, três, portanto, vamos

ver quem chegou primeiro!... **MA** tu chegaste primeiro!... Escolhes o carrinho que mais gostares e depois vais dar os outros aos meninos que chegaram depois!...” - explica a educadora, olhando diretamente para a **MA** e depois para os outros meninos.

MA continua a segurar nos carrinhos, puxa-os para si e encosta-os ao peito, debruçando-se sobre eles. Tem um ar carrancudo e baixa a cabeça sobre os objetos.

A educadora abre o tabuleiro... volta a explicar as regras do jogo:

-Vamos lá **MA**!... Escolhe um... e dá os outros para poderem jogar os três!... - Pode ser querida? É a nossa regra!.. Pode ser linda?- continua a educadora, olha para a criança e tem uma das mãos sobre o seu ombro.

MA afasta os braços. Escolhe um carrinho. Entrega os restantes aos colegas e começam a jogar. O quarto menino, o último a chegar, vai buscar outro jogo e senta-se no lado oposto da mesa.

Mais uma figura feminina chega com uma criança pela mão. Entram na sala a sorrir e a trocar palavras. A mãe veste-lhe o bibe. A educadora vai para junto da porta da entrada, virada para a mesa onde se encontra um grupo de crianças a jogar e vai conversando com as acompanhantes das crianças que vão chegando.

As conversas que vão acontecendo entre as crianças que estão na mesa dos jogos e os ruídos das peças dos jogos sobre a mesa, não me permitem ouvir com nitidez as conversas que vão ocorrendo entre as mães e a educadora. Por outro lado, considero inoportuno mudar de posição e aproximar-me do local, pois penso que poderá criar uma barreira à comunicação.

Junto à entrada encontram-se duas mães, a educadora e a assistente aproxima-se neste momento, com um casaco que entrega a uma das mães, dizendo:

- Ontem!... O rapaz deixou cá o casaco!- estende o casaco para as mãos da senhora.

A mãe recebe o casaco e diz: Pois!... Eu hoje bem procurei!..- abana a cabeça e sorri.

Na sala, três crianças circulam entre as mesas de forma agitada, correm e surgem alguns empurrões, provocam algum ruído.

A educadora olha na direção do ruído, dirige-se até ao centro da sala, onde eles continuam a correr:

- Vão escolher um jogo e sentar-se à mesa!..., Está bem?... Vamos esperar um pouco mais!... Ainda faltam alguns meninos... depois já vamos para as almofadas! Pode ser meninos! Assim a correr não poder ser! Ainda se magoam!... Vão lá escolher um jogo.- Diz a educadora, olha para os três que, entretanto pararam e ficaram a olhar para a educadora.

As crianças vão juntas, sem atropelos escolher um jogo e sentam-se à mesa.

As mães saem juntas da sala, conversando entre si.

Chega mais um menino. Também vem acompanhado por uma senhora não tão jovem como as anteriores. A educadora do centro da sala vê a sua chegada e dirige-se ao *hall* de entrada. Dobra-se até à altura da criança, rodeia os braços na sua cintura e diz:

- Olha o **JV** que faz hoje aninhos! Parabéns!

O menino aceita o gesto e retribui abraçando-a a educadora, dá-lhe um beijo e entra na sala, dirigindo-se para a mesa onde estão os meninos a jogar.

A educadora conversa com a mãe no *hall* de entrada:

-Então hoje temos festinha!- pergunta sorrindo, olha para a mãe, toca-lhe no ombro.

A educadora combina os pormenores da festa. Entram ambas na sala e o menino vai para

junto da mãe.

A educadora chama-o:

- Anda cá **JV**! Anda cá!...- estende a mão, repetidas vezes e flete a cabeça, sorri.

A criança dirige-se à educadora e esta, com os braços à volta dos seus ombros, diz: Meninos!... Meninos o **JV**... o **JV**, hoje,... faz anos! Já está mais crescido!... E o **JV** não faz mais birras! Pois não, **JV**?

O menino abana a cabeça negativamente, de forma rápida, sorri, saltita.

- Depois... à tarde... vamos ter uma festinha e cantar os parabéns!...- continua a educadora, direcionando o olhar para a mãe, que vai acenando com a cabeça de forma afirmativa e o **JV** continua junto da educadora que lhe faz uma festa na cabeça e remexe os caracóis.

Um menino de estatura baixa, bibe comprido, muito por baixo dos joelhos, mangas dobradas, circula pela sala, anda de um lado para o outro, o olhar não se fixa em algo ou alguém, não produz qualquer ruído. Passa junto da educadora que está no centro da sala. Esta olha para ele, pega-lhe ao colo, dá-lhe um beijo e diz-lhe:

- **M**!... fofura!... Vamos fazer um joguinho?

O menino sorri, vai buscar um jogo e senta-se numa das mesas.

Entra mais uma criança, traz consigo um livro que estende à educadora.

- Olha!... É para acabar aqui na escola!...Vê!...- a menina cruza os braços, observa o folhear do livro, sorri, saltita.

Educadora e criança acertam o momento em que poderá realizar a tarefa.

- Logo à tarde, quando estiveres nas atividades livres, poderás acabar... pode ser?- pergunta a educadora, dirige o olhar para a criança, estende o livro à criança.

- Está bem!- responde a **M**, guardando o livro na bancada.

A mãe mantém-se junto à porta de entrada. A criança olha para ela, vai na sua direção e empurra-a até ao portão.

- Vá... já podes ir!... Vai-te embora!- remata a criança.

A mãe sorri e afasta-se fechando o portão.

Um menino dirige-se à educadora e num tom baixo informa a educadora de algo que não consigo registar.

- Bateu?... Então vamos conversar nas almofadas!... Vai lá arrumar o que estavas a fazer para podermos ir para as almofadas!- responde a educadora, afaga-lhe a cabeça, sorri e toca-lhe nos ombros com as duas mãos.

- Meninos!... Meninos!... Vamos arrumar os jogos!... Com cuidado!... Nos lugares próprios e vamos juntar-nos nas almofadas!”- solicita a educadora, rodando o olhar pelo espaço físico.

Um menino com o nome **A** bordado no bibe levanta-se e enrola os seus braços nas pernas da educadora, encostando a sua cabeça aos joelhos. A educadora dirige o olhar para a criança, levanta-o, dá-lhe um beijinho e coloca-o no chão. O menino volta para a mesa e começa a arrumar o material, bate com as peças na mesa e provoca ruídos.

A educadora vai até junto dele e com os braços à volta do seu pescoço conversa com ele:

- **A**... a **P** já pediu aos meninos!... Os jogos custam muito dinheiro!... Temos que ter cuidado com eles... estragam-se e depois não temos mais!... Arruma-os devagarinho! ... Está bem querido?” – pergunta, sorri e segura-os pelas mãos.

O menino arruma o material, olha fixamente para cada peça antes de colocá-la na caixa.

- Vamos lá meninos!... Hoje temos uma surpresa!...- diz a educadora, roda o olhar pelo

grupo.

As crianças vão-se sentando nas almofadas à medida que vão arrumando o material. A educadora já está sentada nas almofadas, roda o olhar pelo grupo e diz:

- Antes de começarmos a nossa história... temos que resolver um assunto!- afirma a educadora, roda o olhar pelo grupo, debruça-se ligeiramente para o centro do grupo.

- **J** conta lá o que aconteceu!... Disseste que o **PH** te bateu?...- refere a educadora, olhando para uma e depois para a outra criança.

- No outro dia... na carrinha!...bateu-me! -refere **J** num tom de voz quase inaudível.

- E tu **PH**?... O que tens a dizer?"- pergunta a educadora, virando-se para o lado oposto, para a direção do inquirido.

O **PH** fica em silêncio.

Algumas crianças intervêm:

- O **P** queria ir do lado da janela!...

- O **J** também queria ir!... E depois começaram a empurrar-se!...

- Pois é!... Vocês sabem que devemos ser amigos e conversar!...Um dia vai o **J**!... Outro dia vai o **P**!... Têm que resolver os dois!...-sugere a educadora, fletindo a cabeça e rodando o olhar pelas duas crianças.

- Vamos fazer um compromisso!... Todos!... Não vamos brigar mais!... Vamos ser amigos!... - eleva o tom voz e entoia as últimas palavras com firmeza.- Não vale... nem empurrar... nem bater... nem chamar nomes... pode ser?- questiona, girando o olhar por todos os elementos. O seu olhar fica fixo segundos nas duas crianças envolvidas no conflito.

- Sim!- responde a maioria dos meninos, acenando com a cabeça.

- Então... então agora que resolvemos este problema... podemos continuar!- avança a educadora, colocando à sua frente dois objetos que retira da parte de trás das suas costas: uma cabaça e um fantoche.

- Ontem,... o **A** não ouviu a história da cabacinha até ao fim!... Teve que sair mais cedo, mas pediu para voltarmos a contá-la hoje!...- informa a educadora, remexendo no material.

- E então... então eu hoje... hoje trouxe uma ajudante! Trouxe esta linda princesinha que me vai ajudar a ler a história... pode ser?- pergunta a educadora, colocando a pequena princesa na sua mão, em posição vertical, virando-a na direção do grupo.

As crianças respondem afirmativamente com a cabeça, mantêm o olhar fixo no pequeno fantoche que se remexe na mão da educadora.

A história começa na voz da educadora, mas é o pequeno fantoche que se movimenta e apresenta os acontecimentos. Ouvem-se alguns ruídos na sala [pés que se arrastam, sussurros entre as crianças]

A educadora simula a saída da princesa, afasta-a do campo de visão dos meninos.

- A princesinha só conta se estiverem caladinhos!- informa a educadora, roda o olhar pelo grupo, mantém afastada a princesa, fica em silêncio.

A calma e o silêncio voltam à sala. [as crianças estão viradas em direção da educadora, em silêncio e olham para o fantoche]

A educadora vai chamando a atenção para pormenores das imagens.

- Estão a ver a velhinha lá ao longe? Parece muito pequenina... não é?- pergunta a educadora.- Mas será que ela é assim pequenina?- pergunta, roda o livro em direção de todas as crianças.

- Não!... É maior!...- remata a criança remexendo as mãos uma na outra.

- Ai! Esta imagem!... Que olhos?! - diz a educadora, com o livro virado para si.

Vira a página do livro e menciona:

- Os olhos do lobo... de que cor são?- pergunta com o sobrolho franzido.

- Vermelhos! - respondem em coro.
 - Acham que ele parece amigo da velhinha? - questiona a educadora, fletindo a cabeça para a frente.
 - Não! - respondem.
 - Pois não! O olhar dele mete medo!... Tem um olhar feroz!... Parece o quê? - pergunta a educadora, dirigindo o olhar para o grupo.
 - Zangado!- respondem algumas crianças.
 - Pois é!... O lobo tem um olhar de zangado!- conclui a educadora revirando o livro para si e depois para as crianças.

JV levanta-se várias vezes e aproxima-se das imagens do livro. **J** volta-se para trás, remexe no móvel, agita-se na almofada. **A** brinca com os sapatos da **R** que se encontra na cadeira junto dele, empurra lentamente a cadeira. **R** esboça pequenos sorrisos.

À medida que a história vai prosseguindo e aparecem cenas ou vozes mais ameaçadoras **PA** esconde a cabeça de **AR** debaixo dos seus braços e faz-lhe festinhas.

JV continua a levantar-se da almofada e a aproximar-se das imagens.

- **JV** senta-te na almofada!... Eu mostro as imagens para todos os meninos!- remata a educadora, eleva a voz e direciona o olhar para a criança. **JV** fica em silêncio e de pernas cruzadas.

- Será que a história vai terminar da mesma forma que ontem? - questiona a educadora, olha para o grupo com o livro fechado.

A história chega ao fim, fecha o livro e a educadora debruça-se para a frente, roda o olhar pelos vários elementos do grupo e pergunta:

- Então!.. A história ontem terminou assim?

Alguns meninos abanam a cabeça e respondem:

- Sim!

- Gostariam que tivesse outro fim?- olha para o grupo, mantém o livro fechado encostado ao peito.

- Sim!- respondem de forma rápida.

- Qual é a vossa sugestão?- direciona o olhar para o local de onde surgiu a ideia e aguarda.

- O lobo devia ter comido a velhinha!- respondem alguns, batem as palmas e sorriem.

- Mas a velhinha era boazinha!... O lobo é que era mau!...- refere a educadora que se inclina para trás, franze o sobrolho e cruza os braços.

- Então?...- dirige o olhar para o grupo e volta a questionar.- Mantemos o final?

- Sim!- rematam as crianças. Ajeitam os rabitos nas almofadas e olham para a educadora.

A educadora explica a próxima tarefa.

- Vamos desenhar a parte da história que mais gostaram!...- mostra folhas de papel A/4 e o material.- Depois podem fazer um outro desenho... com tema livre!... O que vos apetecer desenhar!... Ou então podem escolher uma outra área de trabalho... pode ser?- roda o olhar pelo grupo, flete a cabeça para a frente, faz pequenas pausas durante o discurso.

- Temos aqui uma cabacinha e o livro da história que pode circular pelas mesas para ajudar no vosso desenho, se não se lembrarem dos pormenores!...- mostra o material à disposição, passa-o de mão em mão.

O **JM** ajuda a distribuir os cartões identificativos com os nomes, chamando e restituindo o cartão ao respetivo colega.

J desenha algo na folha, sorri, abana a folha repetidas vezes e mostra à educadora.

A educadora observa o trabalho, flete a cabeça várias vezes, sorri e diz:

- Que bonita cabaça, **J**!... Vamos mostrar aos colegas!....

O trabalho da criança está nas suas mãos e roda-o por toda a mesa de trabalho, seguida de perto pelo menino que saltita e esboça um sorriso.

A educadora está sentada numa das mesas e os meninos mostram os seus trabalhos. Rodeia a cintura da criança com um dos braços, coloca a folha em cima da mesa, olha diretamente a criança e conversa.

- Então... conta-me lá qual foi a parte da história que desenhaste?- vai perguntando a cada criança, individualmente.

- Então como entra a tua velhinha para casa?...- olha para o trabalho e depois para a criança-

- Pela porta!- responde a criança, sorrindo.

- Então?...- interroga a educadora, mantendo o olhar na criança e na folha de papel.

A criança volta a sorrir, pega na folha de papel, volta ao lugar e desenha a porta da casa.

A educadora procura que cada um deles fale um pouco sobre o que fez, aproveitando para relembrar alguns pormenores que podem faltar (os olhos, a porta na casinha,...) e, ao mesmo tempo, valoriza outros trabalhos que apresentam pormenores muito específicos (a cor dos olhos do lobo, o burro com as cabacinhas...)

Da mesa do lado oposto, ouve-se alguém comentar:

- Eu não sei fazer uma cabacinha!

-Vamos lá observar a cabacinha!... Como é que ela é?...- pega na cabaça, coloca-a em cima da mesa e continua, olhando para o objeto.- Parecem duas bolas!... Uma maior por baixo... e outra mais pequena... por cima... não é?- prossegue a educadora, rodando o olhar pelos elementos daquela mesa.

As crianças olham para a educadora e depois para a cabaça que se encontra exposta em cima da mesa e em silêncio traçam círculos, uns maiores, outros mais pequenos, sempre olhando para o modelo. Por vezes apagam o trabalho e repetem-no. No final pintam o produto, rabiscam o nome no canto inferior esquerdo da folha, [**uns olham o modelo escrito no cartão, outros não olham**], levantam-se e vão mostrar a sua obra.

A educadora procede à avaliação do trabalho em conjunto com a criança:

- Gostas da tua cabacinha?- pergunta olhando para a criança com a folha na mão.- Como fizeste? Está igual à cabacinha da nossa história?- a educadora fala com a criança, sorri, toca nas mãos, abraça pela cintura.

A criança vai respondendo às questões colocadas pela educadora e algumas crianças alongam o seu discurso introduzindo outros pormenores [**desenhou muitas cabecinhas porque a velhinha podia ir visitar a neta mais vezes e precisava de mais cabaças; a cor da cabacinha não é bem igual à da história porque aquela ainda não estava madurinha,...**]

- Muito bem!... Agora podes escolher uma nova área para trabalhares!... Para onde queres ir?... Ainda há lugares?... O que vais fazer?- são algumas questões colocadas pela educadora, avaliando e encaminhando as crianças para novas atividades.

As crianças distribuem-se pelas diferentes áreas com autonomia e sem atropelos.

ANEXO X- ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

ENTREVISTA À OBSERVAÇÃO Nº1 (2º momento)

DIA 18 DE ABRIL DE 2008

HORA: 12H-30M- 13H-30M

LOCAL: SALA DOS APOIOS EDUCATIVOS

Inv.- *Relativamente a esta observação gostaria que comentasses a tua presença no jardim-de-infância às 8h-45m, sendo o teu horário a partir das 9h.*

Ent.- Olha Paula!... Venho sempre antes do meu horário. Tenho sempre algum material para preparar!... Também faço algum em casa, especialmente ao fim de semana!... Mas depois... depois chego,... gosto de rever... imprimir!... Gosto de ter tudo preparado antes de chegarem. Para mim, é importante o material estar disponível!... Se não há compassos de espera e isso pode gerar desmotivação!... Agitação!... Às vezes eles também ajudam!... Mas o material principal, da minha responsabilidade,... gosto de o preparar atempadamente.

Inv.- *Então a tua atividade começa?*

Ent.- Oh!... Começa muito antes de aqui chegar. Se recuarmos um pouco no tempo!... Começa logo quando tenho o primeiro contacto com as fichas de inscrição!... É muito importante esse momento!... É quando retiro as primeiras informações sobre as crianças!... Contêm dados sobre o agregado familiar de extrema utilidade!... Problemas de saúde!... Relatórios médicos!... Vários aspetos que nos *permitem um conhecimento preliminar sobre aquela criança!*

Inv.- Conhecimento preliminar?!

Ent.- Um conhecimento que temos presente quando organizamos e preparamos espaços e materiais e ... até mesmo quando preparamos a forma de os receber numa fase, por vezes, difícil como é a adaptação a um novo espaço. Por outro lado,... até no momento em que se inscrevem... é muito útil!... Ajuda a tranquilizar os pais e as crianças. Para muitas crianças é a primeira vez que estão no jardim-de-infância... e logo aí podemos ir recolhendo alguma informação que ajude a compreender e a conhecer determinados... determinadas fragilidades... e até mesmo capacidades que até podem apresentar-se acima da média!... Depois temos a primeira reunião, antes da abertura!... Trocamos informações!... Alguns meninos acompanham as mães ou os pais... ou mesmo ambos!... Às vezes vêm os dois à reunião,... e aí temos o primeiro contacto com a criança!... É a primeira impressão!... Ajuda a preencher alguns dados que não estão explícitos nas fichas. Por exemplo, podemos observar o seu estado físico [**frágil, corpulento**]- A sua atividade! [**participante, tímido**,...]- Sabemos que esses dados são valiosos para a receção que se vai seguir e posterior adaptação. Por outro lado,... agora a um tempo mais real!... Olha!... Às vezes vou daqui à tarde... e no caminho vou a pensar! ... A pensar na melhor maneira de resolver determinadas questões!... Ou então planear coisas diferentes!... Não gosto de fazer tudo sempre da mesma maneira!... As rotinas, às vezes são cansativas!... Tanto para mim... como para as crianças. O regresso a casa, à tarde, é um momento muito importante para

mim!... Até me faz bem!... Vou relembrando os acontecimentos!... Faço um balanço do dia!... E começo logo!... Olha às vezes questiono mesmo a minha intervenção: “Será que fiz da maneira correta? Ou poderia ter encontrado outro caminho?... Interrogo muitas vezes a minha prática!... E o momento da viagem é muito bom para esse exercício. Quando chegamos a casa temos outros papéis para desempenhar!... Mas, às vezes, é difícil deslindarmo-nos dos problemas da escola. O contrário para mim é muito fácil.

Inv.- *Como assim? Podes clarificar um pouco melhor?*

Ent.- À entrada do portão da escola apenas os assuntos escolares me absorvem!... É um trabalho que gosto muito de fazer... é mesmo disto que eu gosto!... Estar com os meninos!... É muito exigente e absorvente!... Mas a própria rotina da profissão, assim o exige. Tenho uma pequena pausa à hora de almoço, que também aproveito para adiantar trabalho!... Até no espaço dos intervalos... procuro pôr em ordem algum material que vá ser necessário no período seguinte!... Ou então... então... é muito vulgar assistir e procuro estar sempre presente nos intervalos!... Gosto que eles sejam livres!... Mas gosto de vigiar e, por vezes, proponho atividades!... É conforme!

Por outro lado, e ainda relativamente a vir mais cedo para o jardim-de-infância... faço-o porque gosto de estar presente no momento em que os meninos chegam!... Acho que é um momento importante e tranquiliza um pouco os pais. Os meninos vêm sempre acompanhados por familiares,... mães... alguns pais... e avós. Gosto de conversar um pouco com eles!... Eles não vêm todos ao mesmo tempo. O jardim-de-infância abre às 8h para dois meninos que precisam devido aos horários dos pais!... E... a partir dessa hora vêm chegando!... Desde!... O resto começa a chegar por volta das 8h-45m!... E procuro estar presente sempre a essa hora.

Inv.- *Dizes que conversas com eles... o que conversam?*

Ent.- Olha Paula!... De tudo um pouco!... Conversamos sobre assuntos da escola!... Informações que tenho para dar!... Conversamos sobre acontecimentos do dia anterior. Os pais,... especialmente as mães gostam muito de saber pormenores!... E também gostam de contar as conversas que se passam em casa!... Como passaram a noite!... O que fizeram!... Os pequenos conflitos da manhã!... Sei lá! ... De tudo!... Até de assuntos pessoais!... Para mim este momento é muito importante!... Esta abertura facilita muito o trabalho!... Tenho conhecimento de pormenores que me ajudam a compreender determinadas situações que ocorrem ao longo do dia!... Esta proximidade que se cria com a família é muito rica!...

Este momento não é só acolhimento às crianças... é também às famílias!... E serve muito para as tranquilizar!... E gostam muito ... mesmo muito! Gostam de dar dois dedos de conversa... e fazemo-lo enquanto se veste um bibe!... Ou simplesmente enquanto eles se distribuem pelos jogos.

Inv.- *[Olá!... bom dia! Bom dia S!- baixa-se, estende ambas as mãos, segura o rosto da criança e beija-a na testa; A criança saltita até à educadora, esta com os braços abertos, abraça-a e diz: - MA, está boa querida?; a educadora faz um afago na sua cabeça, ...] A forma de cumprimentares as crianças e os familiares!...*

Ent.- Olha Paula!... Esta forma de cumprimentar é muito pessoal!... Eu acho que este

primeiro contacto é muito importante para a criança!... A esta hora do dia... muitas vezes ainda chegam ensonados!... E uma atenção!... Um mimenho!... Penso que as reconforta! Estas situações aconteceram à entrada... e são muito importantes para a segurança da criança!... De qualquer forma... acontecem ao longo do dia. Penso que baixarmo-nos à altura da criança!... Ficar à sua altura!... Olhá-la nos olhos!... É uma forma que considero indispensável numa relação. Para mim,... esta atitude,... para mim é importante pelo lado afetivo!... Que considero o cerne de uma boa relação e consequentemente para termos a criança do nosso lado. O conquistar pelo coração!... Pelo afeto!... É essencial para o seu bem-estar emocional. Procuro que seja muito individualizado!... Gosto que se sintam especiais!...

Inv.- *E relativamente ao cumprimento com os familiares:*

[Então mãe, tudo bem?; (...)]Para a semana combinamos algo, está bem avó?,...]...

Ent.- Sim!... Sim! Eu sei o nome de todas elas!... Mas gosto de as tratar assim!... É muito pessoal!... Sinto que torno a relação mais próxima!... E também para reforçar o seu papel... de mãe... avó... pai!... Seja qual for! Para mim é um tratamento muito familiar que procuro!... Porque eu sou mesmo assim!... Faz parte da minha personalidade!... Criar este tipo de ... de proximidades!... É assim que eu sinto o uso do termo!... Facilita-me a comunicação!... É mais fácil tê-los como parceiros no processo educativo!...

Inv.- *[Então mãe, tudo bem?- fletindo a cabeça e dirigindo o olhar para a criança- Assim!... Assim!...- responde a mãe, abanando a cabeça e tocando ligeiramente nos ombros da criança. Entre elas estabelece-se um diálogo que não é perceptível à distância a que me encontro.] Falas de proximidades....e conversaram... sobre o que conservaram?*

Ent.- Olha Paula é como te expliquei ontem!... É o acolhimento que faço com as famílias!... É a passagem do testemunho!... Que acho valiosíssimo!... No dia anterior este menino vinha aborrecido. Fez uma birra à chegada!... E a mãe ficou preocupada!... Via-se na sua cara!... Parecia aborrecida!... Mas depois estive bem durante o resto do dia!... Estive atenta aos seus gestos!... E eu telefonei-lhe dando conta disso. Essa observação vai no sentido de saber como estavam as coisas naquele dia!... É o tal *feed-back* que procuro estabelecer com as famílias e que me ajudam a perceber e a encontrar estratégias mais adequadas!...

Inv.- *Estratégias adequadas?...*

Ent.- Sim!... Adequadas aquilo que vou sentindo do contacto com eles...procuro ir ao encontro ... como dizer...que sintam bem... que estejam alegres... felizes... e bem dispostos por estarem no jardim de infância... que sintam o espaço... que saibam o que podem fazer e como fazer... gosto de os sentir autónomos... e confiantes...Fico feliz quando os vejo tomar decisões e... sozinhos procurarem as soluções... isso é muito importante para eles!...

Inv.- *[(...)abeira-se da educadora e diz-lhe algo que não consigo ouvir, pois o ruído na sala aumenta e a senhora falou em tom baixo. A educadora responde: -Para a semana combinamos algo, está bem avó?" A avó abana a cabeça afirmativamente e encaminha-se para a porta]- Está bem avó?....*

Ent.- É assim!... Nem sempre são as mães que trazem os filhos!... Começam a trabalhar mais cedo!... São as avós que os acompanham. E a relação que mantenho com elas também é muito próxima!... E às vezes elas ajudam em pequenas tarefas!... Gostam de ajudar!... Sentem prazer nisso!... É uma forma de sentirem úteis!... Ontem perguntava-me algo sobre uma visita que tínhamos combinado agendar?!... São muito prestáveis!... Têm tempo e gostam de o fazer!...

Inv.- *Que tipos de tarefas realizam?*

Ent.- Tantas!... Sei lá!... Às vezes contam histórias!... Outras vezes vêm ajudar-nos a fazer bolos!... Outras ajudam a costurar!... São coisas que gostam de fazer!... E gostam de partilhar!... São momentos muito bons para elas que se sentem úteis!... E os meninos adoram... porque sentem a escola como um prolongamento da sua família!... E ficam muito vaidosos.

Inv.- *[uma outra que está numa cadeira específica, na posição vertical, com um pequeno tabuleiro onde se encontram algumas peças grandes de plástico. A criança roda a cabeça em vários sentidos e esboça ligeiros sorrisos]*
- Observei que se trata de uma criança com deficiência profunda.

Ent.- Sim! Paula!... É a nossa **R**!... De facto ela apresenta uma deficiência profunda e de carácter prolongado. Tem programa específico e apoio de uma tarefaira 4h diárias, entrando às 10h e uma educadora do ensino especial que está presente 3h semanais, repartidas. Por norma chega um bocadinho antes das 9h e colocámo-la no seu aparelho onde procurámos interagir com ela com jogos. Tal como com os outros, mas com a chegada dos outros meninos!... Temos que repartir as atenções. Eu e a auxiliar!... “(...) com a chegada dos outros meninos!... Temos que repartir as atenções. Eu e a auxiliar! Aqui, no jardim-de-infância... em todos os momentos e em particular no início do ano... com adaptações difíceis... e também todas as manhãs... no acolhimento... o trabalho em equipa é a chave dos pequenos sucessos!... Depois aí... **R** fica absorvida pelos sons que ocorrem na sala!... Adora os meninos!... E o barulho da sala. Se há muito silêncio... não gosta!... E começa a emitir sons e fica agitada. Àquela hora... ela sabe que os meninos estão a chegar!... E então a sua forma de reagir... é mesmo deambular o olhar pelo espaço e emite sorrisos!... Os meninos passam junto dela... fazem-lhe festinhas... trocam conversas!... E até as mães trocam afetos com ela!... Às 10h quando entra a tarefaira colocada para apoio e a animadora... tem um acompanhamento mais individualizado e continuado!... Eu procuro estar atenta!... Ir conversando com ela!... Mas é uma hora muito movimentada!... E o apoio que lhe dou é... é o que lhe posso dar... dada a implicação com a dinâmica do próprio grupo que considero insuficiente para as suas necessidades!... Mas?!...

Inv.- *[Surge um conflito.(...) A educadora interrompe a conversa com a mãe e desloca-se até à mesa, debruça-se sobre a mesma (...), olhando diretamente para a MA e depois para os outros meninos.(...)- Podes recordar o momento?*

Ent.- Olha!... Quando chega qualquer jogo novo... primeiro fazemo-lo!... Discutimos sempre as regras que fazem parte do jogo... e... e da sua utilização!... Para eles se poderem organizar sozinhos!... Ou então,... por experiência própria,... gera confusão e não tiram usufruto do material!... O que se estava a passar com a **MA**!... Apesar de

ter cinco anos,... vai para a escola!... Tem permanecido em casa... com a avó!... É-lhe difícil repartir as coisas com os outros. Ainda é muito egocêntrica!... Vê as coisas como se fossem somente dela!... É um trabalho que temos vindo a fazer!... Não só com ela!... Mas todos os meninos!... Especialmente com aqueles que apenas entraram este ano letivo!... No sentido da partilha!... O espaço do acolhimento também tem essa dupla valência!... Eles tomarem contacto com material didático e poderem formar livremente os seus grupos de trabalho, organizando-se sozinhos!... É claro!... Claro que, por vezes, temos que intervir e relembrar as regras.

Inv.- *[a auxiliar (...) aproxima neste momento, com um casaco que entrega a uma das mães, diz:- Ontem!... o rapaz deixou cá o casaco!- A mãe recebe o casaco e diz: Pois!... eu hoje bem procurei!... Abanando a cabeça.] Queres comentar a situação?*

Ent.- Olha Paula!... Tal como a AL, a tarefaira da nossa R é o meu braço direito com ela!... Também S é o meu outro braço direito!... Ela está sempre vigilante nesses pormenores!... E depois sabe muito bem como é a minha forma de trabalhar!... E... é um excelente membro de equipa!... Ela complementa muitas vezes aquilo a que eu não posso chegar!... Por exemplo: quando os meninos estão repartidos pelas áreas... é uma ajuda preciosíssima!... Sabe muito bem como intervir!... Ela complementa muitas vezes aquilo a que eu não posso chegar!... Por exemplo: quando os meninos estão repartidos pelas áreas... é uma ajuda preciosíssima!... Sabe muito bem como intervir!... Sabe como é preciso estar atenta... e observar individualmente cada criança... cada uma tem as suas especificidades... por outro lado a sua ajuda permite-me fazer uma rotatividade mais alargada a todas as áreas!... Ou então estar mais atenta a uma área mais específica! Permite-me fazer uma rotatividade mais alargada a todas as áreas!... Ou então estar mais atenta a uma área mais específica!... Não sei o que faria sem ela. De resto todas funcionámos em equipa... cada uma sabe o seu papel mas se for necessário dá uma mãozinha em tarefas de outra natureza!... São prestáveis... amigas e solidárias.

Inv.- *[Na sala, três crianças circulam entre as mesas de forma agitada, correm e surgem alguns empurrões, provocando algum ruído. A educadora intervém, dirigindo-se até ao centro da sala(...), “ Vão escolher um jogo (...) está bem?...vamos esperar um pouco mais... ainda faltam alguns meninos(...)”]*
- Estavas a conversar com duas mães à entrada, no momento desta situação. Recordas a situação?

Ent.- Sim! Recordo perfeitamente a situação!... Estávamos a falar das festas de anos na escola!... Mas ao mesmo tempo, especialmente porque já estavam muitos elementos... estava atenta ao que se ia passando!... E percebi que aquela agitação poderia trazer perigo!... Poder-se-iam magoar!... Cair e não é a primeira vez que situações idênticas desencadeiam situações perigosas!... Eh!... Para além disso estavam a perturbar os outros elementos!... E... uma das regras é... então o que achei conveniente fazer... foi precisamente relembrar as atividades que fazemos neste período do dia.

Inv.- *[A educadora intervém, dirigindo-se até ao centro da sala, onde eles continuam a correr “ Vão escolher um jogo e sentar-se à mesa!..., está bem?...vamos esperar um pouco mais... ainda faltam alguns meninos]?! A tua sugestão!...*

Ent.- Olha Paula!... Eu poderia ter dito o mesmo... dizer o mesmo do lugar onde me encontrava!... Só que eu gosto de os implicar nas decisões!... E parece-me que o facto de ter ido junto deles!... Sentem-se mais implicados com o que se vai passar.

Inv.- [*“ Vão escolher um jogo e sentar-se à mesa! Está bem?”- Está bem? Porquê a pergunta?*]

Ent.- Precisamente!... Precisamente para os implicar nos comportamentos, supostamente, a seguir. Por outro lado,... era também uma questão de necessidade... necessidade da minha parte!... Da sua concordância!... Considero que isso faz parte de todo um processo de aceitação e respeito social!...

Inv.- [*A educadora chama-o:- “Anda cá JV! Anda cá!...”*]

A criança dirige-se à educadora e esta, com os braços à volta dos seus ombros, diz: “Meninos!...meninos o JV... o JV hoje,... faz anos! Já está mais crescido!... e o JV não faz mais birras! Pois não, JV?” O menino abana a cabeça negativamente e de forma rápida.]

- Podes falar um pouco sobre o acontecimento?.

Ent.- Olha Paula!... O JV!... E mesmo a mãe revela preocupações... nesse sentido!... Conversamos muito sobre isso!... E vamos trocando ideias!... Vou ajudando!... Sugerindo algumas estratégias!...Neste dia,... achei que era importante valorizar!... Valorizar o facto de ser o seu aniversário!... E... e... transmitir-lhe o nosso afeto!... Inculcar-lhe um pouco mais de responsabilidade!... Tornar-se mais consciente das suas atitudes!...

Inv.- [*Um menino de estatura baixa, (...), circula pela sala, anda de um lado para o outro, o olhar não se fixa em algo ou alguém, não produz qualquer ruído. Passa junto da educadora que está no centro da sala. Esta olha para ele, pega-lhe ao colo, dá-lhe um beijo e diz-lhe: - M!... fofura!... vamos fazer um joguinho?*]

- Gostaria que comentasses a forma de agir de ambos....

Ent.- É o M!... O M é um menino muito caladinho!... E que se isola um pouco!... Passa despercebido no meio dos outros!... Não perturba!... Mas precisa de um empurrãozinho para realizar as atividades!... Depois até gosta de fazer!... Mas ser ele próprio a tomar a iniciativa... não!... Ainda não tinha dado pelo vaguear pela sala!... Quando tive essa percepção... intervim!... O facto de ser desta forma... tem a ver com o facto de... já falámos disso... é o facto de apelar muitos aos afetos!... Na minha prática corrente... faço muito uso destes gestos... porque lhes dá confiança... e segurança!... Quando passou por mim... senti... senti que precisava de um gesto carinhoso! ... Uma palavrinha!... E depois ele... então estaria pronto para desenvolver a atividade!... Como de facto aconteceu!... Sozinho foi escolher um jogo!... E... deslocou-se para o sítio certo.

Inv.- [*Entra mais uma criança, traz consigo um livro que estende à educadora.*]

- Olha!... É para acabar aqui na escola!... Vê!...- A menina cruza os braços, observa o folhear do livro, sorri, saltita. Educadora e criança acertam o momento em que poderá realizar a tarefa].

- Os meninos trazem livros de casa?

Ent.- Olha!... Em primeiro lugar,... eu sinto que eles vêm o jardim-de-infância como um prolongamento do espaço familiar!... Por isso gostam tanto de trazer coisas de casa!... Para mostrar... para fazer... sinto que isso lhes dá muito prazer!... E eu também valorizo muito esse intercâmbio!... Às vezes levam livros do jardim-de-infância!... Outras vezes trazem de casa!... Eu... eu vejo o espaço do jardim-de-infância... um espaço aberto... a todo o tipo de experiências!... Isso dá-lhes segurança!... E motiva-os... na participação... no gosto pelos seus objetos... pelos objetos da escola!... Sinto que se sentem felizes... com a troca!... Isso é bem visível pelas suas expressões... e pelo envolvimento que dão ao momento. Por outro lado, eu fomento muito o contacto com os livros... porque penso que o gosto pela leitura!... Esse gostinho... passa muito pelas vivências que têm com os livros!... E o espaço do jardim-de-infância é um espaço privilegiado!... Podemos ir muito longe nesta matéria...

Inv.- *[(...)Logo à tarde, quando estiveres nas atividades livres, poderás acabar... pode ser?- pergunta a educadora, dirigindo o olhar para a criança.]- Podes comentar este tipo de acordo?*

Ent.- Olha Paula... à tarde!... Este é o período destinado para as atividades livres. De manhã, por experiência própria, ao longo destes anos todos... tenho verificado que este!... Eles têm mais concentração e aproveitamento para atividades mais orientadas. À tarde já estão mais cansadas,... é quando fazem atividades livres!... Depois o pedir concordância... é habitual na minha prática!... Sempre que é preciso tomar uma decisão!... Tenho por norma ouvi-los!... Acho que é correto!... Se aquele trabalho era pessoal... e a envolvia diretamente!... Penso que... a sua opinião era importante. Relativamente ao olhar diretamente para ela... tem a ver com a importância que eu sabia que tinha... não só o livro!... Mas porque era uma coisa que trazia de casa ... e era especial!... Ela... ela trouxe algo!... E eu tinha que me concentrar naquilo!... Naquilo que para ela... naquele momento era especial!... Eu sabia que era importante para ela!... A minha concentração específica e individual face a algo que me mostrava!... Tem um pouco também a ver ... a ver ... com o facto de nós, enquanto educadoras também gostarmos que nos escutem!... Penso que ela deveria gostar de sentir o mesmo!... Aquele pequeno momento era dela e só dela!... Daí eu achar importante... o período que dediquei à leitura do livro!... Como também na forma como me dirigi a ela!... E também a forma de negociar a decisão.

Inv.- *[A mãe mantém-se junto à porta de entrada. A criança olha para ela, vai na sua direção e empurra-a até ao portão.
- Vá... já podes ir!... Vai-te embora!- remata a criança.
A mãe sorri e afasta-se fechando o portão.]- Como vês e sentes esta reação de ambas?*

Ent.- Olha Paula!... tem a ver com aquilo que falei um pouco lá atrás... o acolhimento específico, individual a cada criança é muito importante para a sua segurança. O que se passou com esta criança ... foi isso mesmo!... A estabilidade emocional estava criada!... A resposta que lhe prestei foi a adequada!... Penso que se sentiu feliz e confiante!... E a segurança que, normalmente, as crianças buscam nos familiares!... Ali ... naquele momento já não era necessária!... E daí afastar a mãe!... Por outro lado,... penso que também foi tranquilizante para a mãe!... Repara que ela enquanto não terminámos o diálogo... não se afastou!... Apenas o fez quando tudo estava acordado!... Penso!... Não sei!... Não lhe perguntei!... Mas poderá ter havido algum

conflito em casa... e o trazer o livro!... Penso que poderá ter sido uma estratégia da mãe!... E quis ficar por perto para... ela própria observar como iria ser!... E... só depois se retirou!... Quando a criança interagiu com ela... penso eu!... Como te digo... penso apenas,... a maior parte das vezes quando trazem algo de casa... não existe este compasso de espera, por parte das mães.

Inv.- *[Um menino dirige-se à educadora e num tom baixo informa a educadora de algo que não consigo registar.*

- Bateu?... Então vamos conversar nas almofadas!... Vai lá arrumar o que estavas a fazer!...para podermos juntar-nos- responde a educadora, afagando-lhe a cabeça.] Podes referir o que aconteceu?

Ent.- Sim! Recordo a situação!... Eu senti que aquele era o momento indicado para iniciarmos outra atividade!... O grupo estava já praticamente todo!... E já se começavam a verificar atropelos!... Era sinal que teria de mudar para a situação seguinte!... A reunião das almofadas!...

Inv.- *[Um menino com o nome A bordado no bibe levanta-se e enrola os seus braços nas pernas da educadora, encostando a sua cabeça aos joelhos. A educadora dirige o olhar para a criança, levanta-o, dá-lhe um beijinho e coloca-o no chão. O menino volta para a mesa e começa a arrumar o material, bate com as peças na mesa e provoca ruídos.*

A educadora vai até junto dele e com os braços à volta do seu pescoço conversa com ele: - A,... a P já pediu aos meninos!... os jogos custam muito dinheiro... temos que ter cuidado com eles senão estragam-se e depois não temos mais!... Arruma-os devagarinho ... está bem querido?” O menino arruma o material, olhando fixamente para cada peça antes de colocá-la na caixa.] - Como sentiste a intervenção da criança?

Ent.- É assim!... O A também é dos meninos mais novinhos!... Muito mimoso!... Muito meiguinho!... Gosta muito de afetos!... E mais uma vez,... mais uma vez refiro... a linguagem dos afetos!... Para mim, é fulcral para o que pretendemos. Depois a seguir!... Quando começou a fazer distúrbios... a confiança que lhe dei foi tanta... que começou a fazer disparates!... Eu podia simplesmente,... simplesmente... ter-lhe dito para arrumar sem bater com as peças!... E... nem sequer saía do lugar donde me encontrava... mas não!... Fui até ele!... E, no mesmo tom e meiguice que tive quando me procurou para lhe dar carinho,... expliquei-lhe, de forma clara para que percebesse o que era pedido e porquê!... Sem comentários negativos ou agressivos!... E ele... ele correspondeu.

Inv.- *[- Vamos lá meninos!... Hoje temos uma surpresa!...]- Uma surpresa?*

Ent.- A dado momento,... eu senti que estavam a demorar muito!... E que isso iria atrasar o que ainda era preciso fazer, antes de lanche!... E... e a palavra surpresa... é mágica,... por experiência!... Dá sempre resultado!... Agrupam-se rapidamente!... Mas, de facto, era mesmo verdade. Havia uma surpresa!

Inv.- *Na história... observei que ias colocando questões, ao longo da história, mas não de forma sistemática... apenas de vez em quando...*

Ent.- Olha!... Por norma!... Por norma leio a história do princípio ao fim!... Sem interrupções!... Mas ontem senti,... ao longo da mesma,... pequenas agitações no grupo!... então... fui introduzindo o diálogo!... O *suspense*, como forma de os cativar e manter a atenção.

Inv.- *[JV continua a levantar-se da almofada para se aproximar das imagens.*
- JV senta-te na almofada!... Eu mostro as imagens para todos os meninos!- remata a educadora, eleva a voz e direciona o olhar para a criança]- Podes explicar melhor o que de facto aconteceu?

Ent.- Olha Paula!... A decisão dessa intervenção posso contextualizá-la na questão anterior. Ao longo da história,... ao longo dela fui-me apercebendo de alguns comportamentos... chamemos-lhes menos atentos!... O **A** é um menino novinho!... Sei que o período de concentração é curto!... Mas o **JV**!... O **JV**, por tudo o que já te referi ... é necessário uma intervenção mais firme!... Reparei que ele vinha ficando inquieto!... E para além de ele começar a desestabilizar os outros!...Ele próprio parecia-me apenas estar a chamar a atenção!... Mais do que não ver propriamente a imagem!... E por isso intervim.

Inv.- *[-Será que a história vai terminar da mesma forma que ontem?] Porquê esta questão?*

Ent.- Eu senti, enquanto tentei ajustar o comportamento do **JV**,... os outros ficaram um pouco dispersos!... E pensei interagir com eles... no sentido de participarem, no final da história!... E também para captar novamente a sua atenção.

Inv.- *No final... observei que deixaste em aberto a possibilidade de outro final. Porquê?*

Ent.- Pela razão anterior!... Para captar a sua atenção para a próxima atividade!... E também porque gosto que eles manifestem as suas opiniões!... E que as sustentem em valores!... Afinal era uma velhinha simpática!... Será que merecia ser comida?... Estes valores têm a moral cívica !... O bem e o mal!...

Inv.- *[J desenha algo na folha, sorri, abana a folha repetidas vezes e mostra à educadora.*

A educadora observa o trabalho, sorri e diz:- Que bonita cabaça, J!... vamos mostrar aos colegas”.- o trabalho da criança está nas suas mãos e roda-o por toda a mesa de trabalho, seguida de perto pelo menino que saltita e esboça um sorriso] Podes explicar melhor a tua forma de agir?

Ent.- Olha Paula!... O **J** é o primeiro ano que está no jardim-de-infância!... Tem 5 anos!... É de etnia cigana!... Chega aqui... como se costuma dizer “*em bruto*”!... Entrou sempre muito caladinho!... Agora já vai participando em pequenos grupos!... O trabalho tem sido muito progressivo!... Mas bem visível!... Fruto de muito reforço positivo que lhe tenho possibilitado!... Eu e o grupo!... Fica muito orgulhoso quando mostramos as suas conquistas!... E esse tem sido o meu trunfo!... Porque lhe digo sempre...“Ótimo!... Mas amanhã ainda vais acrescentar mais pormenores!... Depois, no outro dia... é ele próprio que me vem mostrar o que fez de novo!... E voltamos a mostrar ao grupo!... Dá o seu aval!... Batem palmas!... E isso ajuda-o a ganhar

confiança!... E a descobrir novas formas... cada vez mais aprimoradas!... Até porque nunca fica sozinho!... Está sempre rodeado de outros colegas!... E eles servem de modelos uns para os outros!... Aprendem muito em conjunto.

Inv.- *Ao longo da atividade que se seguiu fizeste várias coisas... podes explicar?*

Ent.- Olha,... em primeiro lugar,... procuro mostrar... procuro que eles tenham acesso ao material palpável!... Ao objeto em si!... Neste caso a cabaça!... Depois o livro ilustrado!... Por experiência, sei que é mais fácil!... Verifico melhores resultados nos seus trabalhos se contactarem com o real e, por outro lado, fomenta a autonomia!... Deixando sempre espaço para a criatividade. Depois... depois consoante as solicitações... vou dando dicas!... Sempre realçando os pormenores, especialmente, para os meninos mais velhos!... Mas sempre... sempre referenciando o material em cima da mesa. Alguns são mais autónomos que outros!... Mas isso é normal!... Cada um tem o seu ritmo!... E vão fazendo!... É preciso!... E é nesse sentido que intervenho... é tentar fazer... fazendo!... Estimulo!... Valorizo... as pequenas conquistas!... Eles sabem que eu estou ali!... E que os apoio naquilo que forem capazes de fazer!... Se hoje não está tão bem!... Amanhã fará melhor!...

Por outro lado,... procuro também que eles avaliem o seu próprio trabalho!... Penso que isso é muito formativo...

Inv.- *Formativo?*

Ent.- Sim! Sim!... No sentido de avaliarem os seus trabalhos!... Terem uma opinião crítica!... E também... a manifestarem agrado por aquilo que fazem!... Penso que não basta ser eu... ou os colegas!... Eles também têm que valorizar os seus esforços!... É positivo para a sua auto-estima e para a própria autoconfiança... que, por vezes, é tão frágil. Considero muito importante falarem dos seus projetos!... Desde o princípio ... até que terminam!...

Inv.- Já terminámos. Obrigado pela tua colaboração.

[Ao longo da entrevista foi perceptível o uso frequente de uma comunicação não verbal complementar e congruente com o discurso oral, acompanhando-o com pausas mais ou menos longas, movimentando o corpo, ajeitando-o na cadeira, gesticulando com as mãos, fazendo uso de interjeições, conectores, entoações diferenciadas e expressões faciais mais ou menos comprimidas, sorrisos mais ou menos longos, ...]

ANEXO XI- NARRATIVA ESCRITA

No decorrer da tua prática educativa tivestes várias experiências significativas com o grupo e/ou individualmente com alguma(s) da(s) criança(s). O que te peço é que escolhas uma dessas experiências que consideras importante e a descrevas, desde o seu início até ao fim. No final, gostaria que referisses o porquê dessa escolha]

1ª Narrativa

ANO de 1987...

Era eu, uma educadora de infância, recém formada, imatura q.b., insegura q.b. e a iniciar uma carreira profissionalizada- (Instituição particular- IPSS).

A minha primeira sala de crianças, a minha turma, só minha, tendo em conta que no ano anterior (ode estágio) partilhava a turma com outra estagiária.

27 crianças, grupo homogéneo, sala de 5 anos, alguns problemas de comportamento sinalizados e ele, “O V” (síndrome de Down). Primeiro filho de um casal ainda novo (faixa etária entre os 24 e os 28 anos) que estava rotulado como “aquele”, irrequieto, não vale a pena tentar ou melhor com ele, pois não adere a nada, só dispersa o grupo...enfim, sem o conhecer diariamente já tinha ouvido falar dele...

Por portas e travessas fiquei a saber que o V era filho de um casal que trabalhava na mesma empresa que o meu marido e desta forma comecei a conhecer (oralmente e por terceiros) e a ouvir falar desta família.

Classe média, interessados, atentos, preocupados, mas,...a manifestarem alguma dificuldade na compreensão da “diferença” do filho. Mas, já vamos de novo à família, agora vou descrever a adaptação do V e a minha também.

A minha sala de jardim-de-infância era boa, muita luz, sanitários adequados e privados, espaço exterior bom, refeitório,...o pior era a quase total falta de material didático-educativo e mobiliário. A minha sorte foi alguns instrumentos de trabalho que tinha construído no ano de estágio e algum mobiliário (cama da casinha das bonecas), bonecos de trapo que eram meus. Talvez por isso me obrigue a refletir mais a fundo quando vejo “excesso” de materiais em algumas instituições e pouco interesse por parte dos grupos, ou a pouca dinamização dos mesmos.

Os primeiros dias foram cansativos; conhecer as crianças, os pais, os recados, a dinâmica do espaço (privado), as regras da instituição...Logo no primeiro dia o V não chorou e não me rejeitou. Deambulava pela sala, penso que na procura de centros de interesse. Tinha dificuldade em aceitar as regras,... também não ouvia uma história, por pequena que fosse, não cantava, não se misturava com os outros... no refeitório comia bem, a sopa dava eu e o segundo prato já tentava comer sozinho.

Foi assim durante uma semana, pois na segunda semana, veio o choro e a rejeição à sala e a mim. Foi aí que me aproximei mais dele e pouco a pouco começou a saltar do colo da mãe

para o meu na altura do acolhimento. Conquistei-o com amor, só por estas 4 letras consegui que o **V** se aproximasse de mim. Nesta fase da sua adaptação não entraram as regras, nem as pedagogias, só amor e atenção. O **V** começou a ser a minha “sombra”, ia comigo para todo o lado e acompanhava-me na preparação de todas as atividades. Desta forma consegui aumentar a sua capacidade de atenção e a sua concentração nas actividades, bem como a sua participação ativa. Apoios Educativos nunca tive, (estamos a falar de 20 anos atrás), Síndrome de Down só sabia o que pesquisava, nas conversas com a família ou algum relatório médico do **V**, mas mais na área física, não tanto cognitivamente.

Se eu ia pôr a mesa do almoço, o **V** ia comigo, se precisava tintas ou fazia algum registo, o **V** estava presente. Sempre presente!

Volto agora à família do **V** de novo. Notava-se que era uma família sofrida, desgastada e até revoltada com a sua situação. A mãe só aos 3/4anos de idade do **V**, aceitou a sua diferença e o que ela implicava no futuro e o pai então muito presente, começou a estar menos em casa, a beber ao fim do dia antes de ir para casa...

Algumas discussões, arremessos de culpa, desgaste,... mas tudo se resolveu, ou melhor a vida encarregou-se de levar esta família “a bom porto”. Por motivos pessoais, tornei-me uma grande amiga da família e era raro o dia que não nos encontrávamos, que íamos a casa uns dos outros. Quando a avó do **V** adoeceu e foi internada em Lisboa, era eu quem ficava aos fins de semana com ele na minha casa.

Não vou entrar neste relato na minha prática educativa, ou nos meus objectivos ou competências que tinha para aquele grupo e especificamente para o **V**, mas sim na “RELAÇÃO”, na troca, na compreensão na aceitação DO OUTRO, NA PARTILHA, NO AMOR... não é isto a verdadeira inclusão? Não temos nós educadores que “arranjar” estratégias, e de nos abirmos ao outro e não termos receio de nos expor aos sentimentos... amar simplesmente e foi com amor que “conquistei” este menino.

Hoje com 25 anos, o **V** é autónomo, frequentou a cooperativa de ensino e reabilitação, sabe vestir-se, comer, andar na rua sozinho, proteger-se de alguns perigos e está a aprender uma profissão. Sei que está feliz e ficamos felizes quando nos encontramos.

A título de reflexão e desabafo sinto que em muitos casos atualmente as relações são muito “escolarizadas” e pouco “quentes” de afetos e carinhos.

Este é o meu caminho, tracei-o há muitos anos, quando escolhi esta profissão e antes de desenvolver competências numa criança, “ganho-a” e “conquisto-a” pelo amor,...depois tudo é mais fácil!...

Muitos “**VS**”, iguais e diferentes passaram pela minha vida, mas este foi o primeiro, o mais forte e aquele que hoje relembro como se fosse ontem.- menino alegre, mãos fortes, corpo dinâmico,.. hoje homem, amado pela família e com uma estrutura familiar que o apoia muito. Quando ele tinha seis anos, os pais tiveram mais um filho, uma menina, a **C**, elo forte da família e o braço direito do **V** A **C** hoje é educadora de infância e, tal como eu, iniciou a sua carreira profissional numa Instituição Particular.

Obrigado **V**, por me ensinares a ser melhor e um ser humano mais completo...

Na Educação deixar falar o coração!..

ANEXO XII- ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

ENTREVISTA REALIZADA À 1ª NARRATIVA

Dia: 5 de Junho de 2008

Hora: 15h-30m

Local: sala dos apoios educativos

Elementos presentes- educadora e investigadora

Inv. - *Era eu, uma educadora de infância, recém-formada (...) porquê esta referência no início da narrativa?*

Ent. - *(recém-formada...)* [ajeita o corpo na cadeira, coloca os cotovelos na mesa e entrelaça as mãos] Para contextualizar!... Para contextualizar!... E também... nem sei se... estou a dizer bem!... Se não!... [balanceia as mãos e cabeça] Mas também para salvaguardar!... Também algumas das minhas tomadas de posições ou atitudes que eu possa ter escrito [flete a cabeça várias vezes e sorri]...ao longo dessa narrativa!... Porque era mesmo recém-formada!... [balança a cabeça e gesticula com as mãos...sorri] Eu hoje quando volto atrás e enumero o que fiz!... Acho que fiz bem!... Acho que procedi bem!...[enuncia as duas últimas expressões num tom ligeiramente acentuado, acompanhando com oscilação da cabeça]. Mas poderia não ter procedido tão bem!... E teria narrado aí as coisas que fiz!...[arqueia o sobrolho, sorri, toca com os dedos na folha de papel onde está redigida a narrativa] E... a palavra recém-formada era muito para contextualizar quem lesse ou quem fosse... ver esse documento!... Eu estava recém-formada!... Estava muito perdida!...[levanta os braços, oscila-os ligeiramente, vagueia o olhar pelo espaço físico].

Inv. - *...estavas muito perdida?!...*

Ent. - Estava perdida!... Perdida!... A nível de como é que eu poderia trabalhar com essa criança...percebes?!... Não com o restante grupo!... Mas como é que eu poderia fazer com ele!...[remexe-se na cadeira, movimenta a cabeça, inclina-se sobre a mesa, recosta-se na cadeira, balanceia várias vezes a cabeça, sorri e expressa um olhar parece interrogativo]- Estava perdida nesse sentido!... Eu não sabia!... Eu não tinha bases!... Eu não tinha orientação sobre o que é que eu poderia fazer com a criança. [oscila repetidamente a cabeça, os ombros e as mãos]

Inv. - *“(...) imatura q.b., insegura q.b....(...)”...*

Ent. - Imatura que baste!... Insegura que baste!...[oscila a cabeça para a frente duas vezes e esboça um sorriso]- Porque, como te disse atrás, [gesticula com as mãos e coloca-as depois em cima da mesa]...o curso tinha-me preparado!!... Eu estava a contar ter um grupo de crianças para desenvolver a minha atividade com um desenvolvimento normal!...[entoa com mais intensidade a última palavra]- Nunca!... Nunca me tinha deparado com uma trissomia!...[sorri e oscila a cabeça]- Quando deparo!... Mas... o que é que eu faço?!... Quais é que são as orientações?!... O que é que eu faço?!... [gesticula com as mãos, arqueia os ombros, o sobrolho, a seguir descontrai]- E depois!... Tal como descrevo aí... é uma criança que já vinha com rótulo!... Muito rotulada!... Já vinha... ah!.. Os pais a não aceitarem!...[voz arrastada]- Portanto, daí... daí!... Eu estava insegura porque eu... eu conheci o menino... antes de o ver fisicamente!... Eu já o conhecia de ouvir falar outras

peessoas!... O caso foi muito falado na altura!... e estava muito apreensiva!... [oscila a cabeça várias vezes e remexe-se o corpo na cadeira].

Inv. – “(...)A minha primeira sala de crianças, a minha turma, só minha (...)”- Utilizas o pronome possessivo “minha”?

Ent.- Só minha!... [toca com as mãos no peito]- Porque é assim!... Eu tive, no ano de estágio,... era co-responsável com outra educadora!... Cada semana trabalhava uma e... e a outra coadjuvava. Nesta fase já não!... Eu era responsável de sala!... A turma era só minha!... Há minha responsabilidade!... E... e aí... remunerada para fazer essa função paga como educadora!... Antes era uma estagiária!... Agora as responsabilidades eram a dobrar!...Só eu era responsável por todas as minhas atitudes!... Sem qualquer apoio na retaguarda!...[acompanha o discurso oral com oscilações de cabeça, flete o tronco para a frente, gesticula com as mãos].

Inv. - Para além do acréscimo da responsabilidade...o termo em si “minha” significa para ti algum sentimento específico?

Ent.- Sim!... Sim!... Eu partilhava inteiramente os afetos com aquele grupo!... Sozinha!... O bom e o mau!... Foi muito bom!...[expressa sorrisos, oscila repetidas vezes a cabeça]- A experiência foi muito rica!... Passei por vários estados emocionais!... mas que me ajudaram a crescer muito....como pessoa e como profissional...Fez-me refletir muito!... e depois os pequenos sucessos... foram grandes conquistas para mim... para o V e para aquela família. Mas no início... no início senti... senti muita ansiedade... muito nervosismo... eu.... Não sabia!... não sabia... Percebes?...

Inv. – Sim!...

Ent.- Ansiedade!... Medo!... Medo de não corresponder ao que era preciso fazer e que eu não sabia muito bem!... Tive que recorrer a obras que me ajudaram a compreender as necessidades destas crianças!... Alegria!... Muita alegria com as pequenas conquistas que ele ia fazendo!... E ainda hoje fico muito feliz!... Como te digo aí mais à frente... fico muito feliz cada vez que nos encontramos!...[esboça várias expressões: preocupação, ansiedade, felicidade].

Inv. - Dizes aqui e já o afirmaste durante a narrativa que: “ (...) estava rotulado como “aquele”, irrequieto, não vale a pena tentar (...) pois não adere a nada, só dispersa o grupo...enfim, sem o conhecer diretamente já tinha ouvido falar dele...(...)” – Podes explicar melhor?.

Ent.- [faz uma pausa de alguns segundos, ajeita o corpo na cadeira, coloca os cotovelos em cima da mesa]- A primeira caracterização que eu tive desse menino foi, como te disse, só oral!... Primeiro que tudo soube logo quando ele nasceu. Falou-se!... Muito!... Falou-se em MON do nascimento de uma criança!... Da mãe ir passear com ele!... Eh! Eh!... Rejeitar por completo!... A mãe rejeitava que o filho tivesse esse problema. [oscila a cabeça para a frente, apresenta um rosto sério e sobrolho franzido]- E... e depois ele estava numa instituição e quando passou para a minha sala!... Quando passam o processo do menino!... A direção da instituição, nesse momento,... eles comentaram: “Depois vais ter aquele menino!... Aquele!... Ah!... O V!...”- Senti muita insegurança!... Senti que teria que ter um grande investimento da minha parte! Mas até ao momento ele não se tinha apegado a ninguém!... Ainda! [flete o tronco e movimenta a cabeça de forma negativa, sorri]. Ele não

se apegava! Percebes?... [interroga com o olhar e flete a cabeça] - Eh!... Eh!... Ele também era rotulado por não se apegar aos adultos. [a última palavra é entoada de forma arrastada]- Ele estava na instituição há um ano e meio!... Também não tinha idade para cumprir grandes regras!... E para corresponder às expectativas que tinham criado para ele!... Tendo em conta o seu problema!... Então era um menino que, na minha opinião, não estava a ser!... Ah!... Não o tinham apanhado ainda!... Percebes?!... [interroga com o olhar]- Ainda não tinham cativado o V!... Para o V... eh!... Fazer integralmente parte duma turma... naquela altura de creche e depois... jardim-de-infância. Daí o V estar rotulado daquela maneira. [faz ligeiras pausas no discurso, gesticula com as mãos, abrindo-as e fechando-as ao mesmo tempo que as oscila. No final, revira e levanta as palmas da mão para cima].

Inv. – “(...) fiquei a saber que o V era filho de um casal que trabalhava na mesma empresa que o meu marido e desta forma comecei a conhecer (...)”- Começaste a conhecer? Que tipo de conhecimento?

Ent.- [endireita-se na cadeira, coloca os cotovelos na mesa, oscila a cabeça, sorri]- É assim!... O conhecimento da família é fundamental!... Quando faço uma nova turma levo as fichas da turma para casa!... E... olhando para aquela ficha, faço logo uma imagem daquela criança!... Da família!... Dados que nos saltam logo!... [movimenta a cabeça, gesticula com as mãos na minha direção]- Há pormenores que realçam logo das informações que contém!... Algum relatório médico ou outro que acompanhem. Eu do V tinha muito pouco!... Tinha o que sabia oralmente... por terceiros!... [entreabre os braços, encolhe os ombros]- E se são importantes as informações dadas pelas famílias, nas crianças ditas normais!... Crianças com necessidades educativas muito específicas!... Como era o caso do V!... Ainda mais importante se tornava!... E a família rejeitava a ideia da diferença do filho. [balança a cabeça ora para a frente, ora de forma negativa, rosto sério, sobrolho franzido, lábios ligeiramente comprimidos]

Inv. – Como e quando é que sentias essa rejeição?

Ent.- Olha!... Recuemos vinte anos atrás!... Vamos contextualizar!... Relembrar como era vista uma criança diferente!... As perspetivas para estas crianças eram simplesmente as Cercis!... Na idade do V não existia!... Só mais tarde!... Portanto, ah!... A maneira como a própria sociedade e a família via a criança é diferente da forma como é vista, atualmente!... Para além dos apoios que agora existem!... A mãe do menino!... Primeiro filho!... Desejado!... [pausa de alguns segundos]- Até ao ano de idade rejeitou!... Nem aceitava tão pouco que lhe falassem em trissomia 21!...

Inv. – Rejeitava?

Ent.- Sim! Sim!... Não queria falar do assunto!... [oscila repetidas vezes a cabeça e gesticula com os braços e mãos]- E se comentavam alguns traços do aspeto físico na rua!... Vizinhos... amigos!... Ela... ela recorria a parecenças físicas com ela própria. Ele, no primeiro ano, não foi muito acompanhado por médicos!... Percebes?!... [interroga com o olhar]- Ah!... A própria família rejeitava a diferença de forma categórica. Foi difícil a aceitação da diferença... foi um trabalho longo... mas depois como nos tornámos grandes amigas... conversávamos muito... mesmo muito e isso ajudou a sua integração e a aceitar a diferença... e para além disso aprendemos juntas a saber lidar com aquela diferença... e melhor ainda... a lidar com ela da melhor forma... porque juntas conseguimos grandes conquistas!

Inv. – “(...)A minha sala de jardim de infância (...)”- Continuas a utilizar o pronome possessivo!...

Ent.- ...Foi a minha primeira Paula!... [esboça um sorriso extenso no rosto e demorado]- Depois de acabar um curso, em que nada era meu!... Que trabalhamos em salas de outras educadoras titulares e que fazemos vários estágios por esse Alentejo!... Quando temos... a nossa!... [entoação mais forte]- E com o canudo na mão!... Esse facto tem muita importância!... Tem um peso diferente!... É... é a minha sala!... Sou responsável por ela!... Só eu trabalho com aqueles meninos!... Só...só...só eu é que me vou ligar àqueles meninos!... Acho que é uma responsabilização muito forte!... Aquela era a primeira vez que era só minha!... Não por querer apropriar-me do espaço físico em si!... Mas para poder organizar a sala como se fosse a minha casa!... Organizá-la como se fosse a minha casa!... É uma ligação afetiva a um espaço que queremos acolhedor, com um toque muito pessoal e familiar!...gosto muito de sentir assim os espaços onde trabalho... gosto muito de lhes dar o meu cunho pessoal... e faço-o com eles... para que eles também sintam o mesmo que eu... É o nosso espaço!... Só nosso![mantém uma expressão sorridente, olhar brilhante, toca várias vezes com as mãos no peito].

Inv. – “ (...) sala (...)muita luz, sanitários adequados e privados, (...)o pior era a quase total falta de material didático-educativo e mobiliário. A minha sorte foi alguns instrumentos de trabalho que tinha construído no ano de estágio e algum mobiliário (...), bonecos de trapo que eram meus.”- Podes explicar a importância desta caracterização?

Ent.- Eu acho importante referir o espaço físico e os materiais porque... porque é aí que a turma vai desenvolver as suas atividades!... O seu desenvolvimento depende... também das características!... Das condições físicas que esse espaço tenha!... Uma boa sala!... Uns bons materiais!... São importantes!... Porque é um espaço onde tudo acontece!... É onde lhes proporciono educação!... Desenvolvimento!... Competências!... Bem-estar!... Tudo!... É preciso estar atenta a este aspeto!... [adquire uma postura reta, ombros descontraídos, movimenta a cabeça para a frente, enquanto esboça sorrisos]

Inv. – Relativamente à escassez de material e o recurso a material construído por ti- Queres clarificar a tua exposição?

Ent.- [ajeita o corpo na cadeira, faz uma pausa ligeira e coloca os braços em cima da mesa antes de iniciar o discurso]- Quando escolhi esta experiência para fazer a narrativa... que eu considero importante!... Também é uma auto-reflexão sobre o que eu considero importante na educação!... Eu agora olhando para aí!...[dirige o olhar para as folhas onde está escrita a narrativa, sorri e oscila a cabeça]- Eu fiz e entreguei!... Não fiquei com cópia!... Agora... ao... ao... relembrar-me do que relatei!... Também é uma reflexão de uma prática passados vinte anos!...[volta a remexer-se na cadeira e a dobra-se sobre a mesa]- É assim!... Nem sempre!... Eu tinha uma sala praticamente vazia, com boas condições físicas e o nível de material quase nulo!.. Mas... nem sempre um bom espaço físico... recheadíssimo ao máximo de belíssimos materiais!... É sinónimo... lá está a palavra!... É sinónimo de... de bons atos educativos!... Do bom convívio!... Do bem-estar das crianças!...[recosta-se para trás na cadeira, sorri e movimenta a cabeça e os braços várias vezes]

Inv. – O material construído durante o estágio foi imprescindível para o desenvolvimento daquele grupo?

Ent.- Foi!... Se não fosse aquele!... Teria que arranjar uma maneira de o substituir!... De forma a enriquecer a prática e diversificar as experiências das minhas crianças!... Ou seja eram importantes para o sucesso do meu grupo!... Mas não totalmente!... Não vou dizer a 100%!... [movimenta a cabeça várias vezes, esboça vários sorrisos, vagueia o olhar até ao tecto da sala, encolhe os ombros, gesticula com as mãos]

Inv. – [não totalmente?!]

Ent.- Porque eu!... Primeiro que tudo!... Em primeiro lugar, considero a relação!... O afetivo com a criança!... E depois!... Depois os materiais!... Porque para mim... o afeto desenvolve-se entre as pessoas!... E para isso não preciso de materiais!... Preciso de afeto!... Presença física!... Diálogo!...de beijos... de afagos... de tocar-lhes... de os sentir...[volta a vaguear o olhar pelo espaço, levantando ligeiramente a cabeça, adquire a postura reta e dirige o olhar na minha direção, gesticula com ambas as mãos]

Inv. – *Consideras então que as condições iniciais...*

Ent.- Eu tinha boas condições físicas e de higiene que lhe facultavam um bem-estar físico e saudável!... Faltava dar àquele espaço e àquelas crianças bem-estar emocional!...E para mim era primordial a minha presença e disponibilidade para uma envolvimento afetiva!... Essa eu tinha!... O resto!... Os materiais foram um acréscimo importante sem dúvida!... [coloca as mãos no tampo da mesa e toca-lhes como se estivesse contando, esboça sorrisos compridos e um olhar que parece transmitir tranquilidade]

Inv. – *“Logo no primeiro dia o V não chorou e não me rejeitou. Deambulava pela sala, penso que na procura de centros de interesse (...)”. Na procura de centros de interesse?*

Ent.- Foi assim!... [arruma algumas folhas que estavam em cima da mesa, empilhando-as, coloca os cotovelos na mesa e entrelaça as mãos, sorri]- A mãe entregou-mo ao colo e ele não chorou!... Mas... a sala era nova para ele!... Ele nunca tinha entrado naquela sala!... Ele vinha da sala dos meninos mais novos. Eu atribuo duas vertentes: a primeira, estava a conquistar um espaço novo!... A mim já me conhecia!... Já sabia que era a **P!**... A educadora!... Mas o espaço não conhecia!... E penso que o deambular mais!... Foi uma exploração de espaço!... Ele tinha que criar a segurança dele!... Ver onde se movia!... [à medida que discursa, as mãos traçam gestos imprecisos, por vezes os dedos tocam o tampo da mesa, rodopiam e fazem círculos]

Outra vertente que penso que não tem tanta importância!... Da sala donde vinha ele não seguia qualquer regra!... Os outros já se sentavam para cantar uma canção!... Ouvir uma história!... Ele não!... Não queria... não sentava!... Ele circulava pela sala!... Não havia uma estimulação!... Penso que, nesse primeiro contacto, na minha sala estaria também a testar entre aspas!... [simula o gesto com ambas as mãos, sorri e flete a cabeça]- Se ali também teria o mesmo!... O mesmo estatuto de deambular!... Penso que talvez fosse isso!... [oscila a cabeça várias vezes, sorri]- Eu deixe-o explorar o espaço!...[estende as mãos sobre o tampo da mesa, sorri várias vezes] - E...depois... pouco a pouco fui estimulando, sentando-o ao meu colo por períodos cada vez mais longos ainda que curtos!... Percebes?! [interroga com o olhar, fala devagar, pausadamente]- Eu pretendia que os seus períodos de atenção fossem aumentando e fui-lhe criando estímulos que o motivassem e especialmente através de muito afeto, como refiro aí mais à frente. [esboça um sorriso comprido no rosto, olhar vasto, brilhante e direciona-o para as folhas de papel]

Inv. – “(...)no refeitório comia bem, a sopa dava eu e o segundo prato já tentava comer sozinho(...)”?!
[posição corporal reta, seguida de ligeira flexão do tronco em direção à mesa, ombros descontraídos, oscila a cabeça algumas vezes e esboça um longo sorriso]

Ent.- Ah!... Achei que era mais fácil... começar com ele pela sopa!... Até porque sujava-se ainda muito e achei que era mais útil dar-lhe algumas ajudas na sopa!... E depois dar-lhe autonomia no segundo prato!... E ele começava a contactar com o garfo!... Depois com a faca!... E a autonomia da sopa veio mais tarde!... Foi uma estratégia!... Correu bem!...
[posição corporal reta, seguida de ligeira flexão do tronco em direção à mesa, ombros descontraídos, oscila a cabeça algumas vezes e esboça um longo sorriso]

Inv. – “Foi assim durante uma semana, pois na segunda semana, veio o choro e a rejeição à sala e a mim (...)”. O que pensas que terá acontecido?

Ent.- Eu costumo dizer que... da minha prática de vinte anos... prefiro os meninos que choram na primeira semana... nos primeiros quinze dias!... Do que aqueles que não choram!... Que estão muito bem quinze dias ou um mês e vem a rejeição depois!...
[discursa devagar, em tom baixo, enquanto vai fletindo a cabeça]- O V, na primeira semana, ...na primeira semana foi exploração!... Foi novidade!... A partir daí... iniciou a rejeição!... Eu não sei!... Ele estava ligado a mim!... Mas senti que não totalmente!... Achei que faltava ali qualquer coisa!... Na altura não sabia ainda muito bem o quê!...
[vagueia o olhar pelo espaço, movimenta os braços, sobrolho franzido, rosto contraído]- Eu estava muito preocupada com o trabalho da organização da sala,... do grupo... e de tudo!... E se calhar o V!... Aquele choro de rejeição do V!... Se calhar foi também um chamariz para mim!... Foi uma sirene que me alertou cá dentro que se calhar não estava a fazer as coisas... Eh!... Eh!... Teria que ter com o V mais atenção!... Teria que virar-me mais para o V!... e centrar a minha atenção em todos os aspetos e características que ele me manifestava... tanto físicas, como emocionais e mesmo sociais... teria que abranger uma área mais geral das suas intervenções.... Os outros estavam a entrar na rotina e estar mais adaptados. [continua a deambular com o olhar pelo espaço, retoma a direção da mesa onde nos encontramos, levanta um dos braços, simula uma sirene, movimenta a cabeça, descomprime o olhar, o rosto fica descontraído e esboça um sorriso longo, coloca ambas as mãos no tampo da mesa]

Inv. – “(...) Foi aí que me aproximei mais dele e pouco a pouco começou a saltar do colo da mãe para o meu na altura do acolhimento”. O que achas que aconteceu de facto?

Ent.- Foi aí!... Aí!... Isso mesmo!... Foi nesse momento que senti o tal clique!... [verbaliza ao mesmo tempo que dá um estalo com os dedos, movimenta a cabeça para a frente e sorri]- Até aí!... Quase que estava a fazer acolhimento e desenvolvimento de trabalho de sala!... Nunca deixei!... Nunca deixei que ele deambulasse muito pela sala sozinho!... Exceto no primeiro dia!... Depois fomos instituindo pequenas regras!... Sentar-se ao pé de mim!... Ouvir histórias muito pequeninas!... Imagens!... [flete o tronco para a frente, fala num tom pausado]- Eu senti aí que o V estava a precisar mais de mim!... Algo diferente!... Eu era muito carinhosa com todos!... Mas o V!... Naquela altura precisava de um carinho diferente!... E... e... eu consegui criar com o V uma empatia!... Um amor!... Um afeto! [ergue o tronco, gesticula com as mãos, sorri]- Eu estava muito disponível!... Não tinha filhos!... Tornei-me!... Daí eu às vezes!... Interrogo-me se houve coisas que fiz bem!... Coisas como levá-lo para minha casa à tarde... na hora do almoço!... Dele não ficar a dormir a sesta e levá-lo!... Com o consentimento dos pais, é claro!... Mas houve uma

proximidade!... Uma coisa muito forte entre nós!... Mas foi por aí que se conseguiu!... Eu comecei por ir com o apelo às regras!... Mas pouco a pouco fui percebendo que não era por aí!... Não tiveram sucesso!... Porque ele teve uma rejeição!... E a partir daí reformulei as estratégias!... “Eu não!... Assim não!... Vou tentar levá-lo pelo coração... Pela proximidade comigo!...” E depois de o ter ganho dessa forma!... progressivamente!... Fomos então entrando nas regras!... O V começou a respeitar-me de outra maneira!... O V começou a respeitar-me!... [o tom de voz foi diminuindo de intensidade, pausas frequentes, movimentos oscilatórios da cabeça lentos, espaçados no tempo, sorrisos prolongados e olhos turvados por lágrimas]- Começou primeiro!... Porque tínhamos uma relação próxima!... Como tinha com os outros!... Mas não tão forte!... A partir daí!... Ele depois de estar sempre mais perto de mim... começou a ouvir-me mais!... Até os momentos de atenção!... Que não os tinha!... Começaram a tornar-se evidentes!... A segurança dele!... Eu acho que tem muito a ver com segurança!... Eu penso que ele nessa fase... encontrou o ponto mais forte de segurança dele dentro da sala!... E a partir daí o comportamento dele dentro da sala de aula mudou!...[o tom de voz aumenta de intensidade, o olhar brilha, o sorriso mantém-se e a cabeça volta a oscilar] Este tipo de atitude!... Esta atenção!... Este amor foi essencial!... Mas não é só com ele... é com qualquer criança que tenha outro tipo de problemas!... Até pode não ter problemas!... Mas se há uma rejeição é essencial algo de diferente!... Especial!... Um carinho!... Um beijinho!... Um afago!... O sentirem-se próximos!... Tem que haver momentos durante o dia, durante a semana... durante o jardim-de-infância que eles se sintam únicos!... Aquele momento é deles!... Por uma atenção!... Por um carinho!... Nem que seja mostrar um desenho!... Um beijinho!... Qualquer coisa!... Tem que haver uma proximidade entre educadora-criança, professor-aluno!... Tem que haver uma proximidade física... para se conseguir!... Penso eu!... Para se conquistarem ganhos posteriores a outros níveis!...[acompanha o discurso com movimentos corporais- oscila a cabeça ora para frente, ora na horizontal, toca com as mãos no tampo da mesa,- enfatiza expressões entoando de forma diferenciada- mais alto, mais baixo, soletrando,...]

Inv. - “Desta forma consegui aumentar a sua capacidade de atenção e a sua concentração nas atividades, bem como a sua participação ativa”. Sentes então que a proximidade foi a chave da sua adaptação?

Ent.- Sem dúvida!... A sua presença sempre junto de mim!... Ele sentia-me perto dele ... e... e... ele mudou o comportamento dele!... O V mudou... porque sentia segurança em mim!... O V começou a... a cumprir regras... a interagir... como os outros meninos!... Mas sempre perto de mim!... a proximidade foi muito grande... a relação de confiança que se estabeleceu foi importante para a integração dele.[flete a cabeça e o tronco sobre a mesa, sorri repetidamente, estreita os braços na sua direção]

Inv. - “(...)Apoios Educativos nunca tive (...)”. Queres explicar um pouco melhor esta questão?

Ent.- Há vinte e um anos atrás não havia os apoios que existem hoje!... Uma educadora de apoio!... Uma equipa com uma psicóloga!... Fazia falta!... Após um curso e uma criança com estas características!... Acho que uma orientação de uma colega poderia ajudar!... No curso não tive qualquer formação que fugisse aos padrões das crianças ditas normais!... Entre aspas [gesticula com as mãos, movimentava a cabeça em sinal negativo, franze o sobrolho, comprime os lábios]- Uma experiência de integração, atualmente, é muito diferente!... Os apoios... os recursos formam uma equipa e procura-se trabalhar em conjunto. [descomprime a expressão facial, acena com a cabeça de forma afirmativa]

Inv. – “(...)Síndrome de Down só sabia o que pesquisava, nas conversas com a família (...). De que forma as conversas com as famílias te ajudavam a perceber melhor as necessidades do V?

Ent.- Entretanto, a mãe começou a frequentar consultas de desenvolvimento em Lisboa!... E às vezes vinham uns relatórios clínicos!... Contudo, as conversas que tínhamos eram muito importantes!... O relacionamento com a família!... Outra parte que é muito importante no processo educativo e que se tornou fundamental e correspondeu às expectativas foi a mãe ter consciência que o trabalho em parceria!... Foi fundamental!... [gesticula com as mãos, movimentando-as de um lado para o outro sobre o tampo da mesa, sorri repetidas vezes]

Inv. – Como era desenvolvido esse trabalho com a mãe?

Ent.- O trabalho de parceria era quase todo!... As conversas eram quase todas extra jardim-de-infância!... Eu explicava o que fazia e como e... e ela continuava em casa!... As principais orientações clínicas vindas do médico de desenvolvimento para o V, com três anos de idade apontavam para o cumprimento de regras e a participação na vida do jardim-de-infância. Os relatórios eram muito ténues... muito ténues!... Falavam da integração do V!... Participação nas atividades e cumprir regras!... Era o que a mãe tinha dificuldade em casa!... Nesta altura... ela... ela já tinha aceite as necessidades do filho... e o trabalho de parceria desenvolvia-se nesse sentido!... Eu falava com ela sobre determinadas metas e regras para cumprir. A nossa relação era muito próxima!... A mãe teve, na altura, problemas familiares graves!... E eu como tinha muita disponibilidade... ajudei!... Ajudei não só como educadora... mas também como amiga pessoal!...[ajeita o corpo na cadeira, debruça-se sobre a mesa, vai tocando com os mãos no tampo da mesa ao longo do discurso]

Inv. – “(...)Se eu ia pôr a mesa do almoço, o V ia comigo, se precisava tintas ou fazia algum registo, o V estava presente. Sempre presente!”. Porque referes desta forma a presença do V?

Ent.- Para reforçar aquela proximidade que havia entre nós e que referi há pouco!... Se eu estava na sala... ou dentro do contexto do jardim-de-infância... o V nunca estava longe de mim!... Ele!... Eu era a segurança dele!... O ponto de referência!... O porto de abrigo dele!... Ele tinha quase que... como um estatuto especial!... Que... que sempre foi percebido por todos!... Era uma estratégia que me permitia conquistá-lo e ir progredindo noutras áreas!...[oscila a cabeça várias vezes e sorri no decorrer do discurso]

Inv.- “(...)Notava-se que era uma família sofrida, desgastada e até revoltada com a sua situação (...)”. Como é que sentias estes sentimentos?

Ent.- Sentia-se pelas conversas e desabafos que tinha comigo!... Choros!... Depressões!... A deficiência do filho!... Primeiro filho... desgastou-a muito!... Houve também problemas familiares com o marido... e ela confidenciava-me as suas preocupações... como amiga!...[apresenta um rosto sério, olhos entreabertos, sobrolho ligeiramente franzido, testa levemente enrugada]- A minha participação muito próxima!... Sem dúvida!... E o falar abertamente das questões que preocupavam ambas!... [movimentos corporais do corpo, cabeça, expressão facial em sinal afirmativo]- O ela estar mais aberta para ouvir outras opiniões!... Clínicas!... Vários fatores contribuíram para a aceitação!... E mesmo as

alterações físicas características deste tipo de deficiência foram-se acentuando!... E ela não teve como evitar o desconhecimento!... A sua preocupação era o futuro dele!... Isto há vinte anos atrás!... As perspetivas para estas crianças não existiam!... Eu recordei,... na altura da entrada para o 1º ciclo!... Ele foi rejeitado!... As coisas eram muito difíceis!...[alterações nas expressões faciais: comprimidas, descontraídas; entoações diferenciadas: indignação, revolta, resignação, ombros afrouxados]

Inv. – “(...)mas tudo se resolveu, ou melhor a vida encarregou-se de levar esta família “a bom porto.” Queres explicar melhor o desfecho desta história familiar?

Ent.- Olha Paula!... Apesar dos altos e baixos!... E os momentos de depressão que esta família teve!... Ah!... Depois de tudo!... E quando me refiro a bom porto!... Refiro-me ao conhecimento que eu tenho hoje!... Eu continuo a acompanhar!... Não tão próximo!... O menino está integrado!... A aprender uma profissão!... Apesar das depressões... dos problemas entre o casal!... Tudo o que houve e que não houve, do nosso estado!... Do nosso sistema de ensino!... Um... um bom acompanhamento daquela criança no início... não houve!... A vida daquela família não foi facilitada!... Não foi!... Até acho que aquela família chegou a bom porto!... E para isso também contribuiu muito o nascimento de uma irmã... depois!...[remexe o corpo na cadeira, oscila a cabeça a acompanhar o discurso, esboça sorrisos uns mais longos do que outros, franze a testa e o sobrolho, relaxa o corpo e a expressão facial]

Inv. – “(...)Não vou entrar neste relato na minha prática educativa, ou nos meus objetivos ou competências que tinha para aquele grupo e especificamente para o V, mas sim na “RELAÇÃO”, na troca, na compreensão, na aceitação DO OUTRO, NA PARTILHA, NO AMOR... não é isto a verdadeira inclusão?”- Porquê as maiúsculas?

Ent.- Estão!... Estão em maiúsculas!... E estão de propósito. [acena a cabeça de forma afirmativa e toca com as mãos nas folhas de papel]- Eu acho que os pilares onde tem que assentar qualquer prática!... Duma educadora... dum profissional de educação tem que assentar nisto!... Eu... eu nem consigo conceber!... Eu nem consigo conceber nada na vida!... Não é só pelo V!... Eliminando agora a situação do V... o V eu consegui desta forma!... Mas é a maneira como eu me posiciono!... Isto sai-me emotivamente!... Eu sei que sou assim!... Eu não consigo ver qualquer troca entre... entre duas pessoas que não seja com atenção!... com carinho!...[reajusta o seu corpo na cadeira, oscila repetidamente a cabeça, enquanto verbaliza as suas ideias, gesticula com as mãos, entrelaçando-as e estendendo-as na minha direção, sorri]- Acho que todos os profissionais de educação!... E não só!... Também de outras áreas!... Só tinham a ganhar, conquistando os grupos pelo coração!... Pela relação!... Pela afetividade!... Que acho que às vezes falta!... [flete a cabeça e esboça sorrisos]- escolarizamos muito!... É... é tudo... é tudo!... O currículo do pré-escolar!... Competências!... Os meninos têm que saber isto!... Aquilo!... Saber é importante!... Sim!... É importante e têm que ser trabalhadas!... Para serem cidadãos com competências!...[remexe-se na cadeira, oscila a cabeça]- Mas não é só!... O relacionamento!... Aprende-se muito!... Ainda é um privilégio... para mim, o jardim-de-infância!... Como... como um... um local rico de estabelecimento de relações puras... ainda... puras!... Acho eu!... [movimenta a cabeça várias vezes, sorri]- É um espaço de aceitação do outro que é diferente!... É um espaço de inclusão!... O jardim-de-infância!... Ah!... Não só de crianças com problemas... físicos!... Muitos!... Como... para todos!... Porque às vezes temos feitios diferentes!... Mais calados!... Ou mais alegres!... Mais tristes!... E o jardim-de-infância é um espaço privilegiado de trocas... de... de carinhos...

de partilhas... de amores!...[pausas frequentes, sorri várias vezes, movimenta a cabeça para a frente, para os lados e os braços e as mãos no mesmo sentido, olha fixamente na minha direção, o timbre de voz é diferenciado ao longo do discurso, parece simular vários estados emocionais]

Inv. - “(...)Não temos nós educadores que “arranjar” estratégias, e de nos abrirmos ao outro e não termos receio de nos expor aos sentimentos... amar simplesmente (...) foi com amor que “conquistei” este menino.” -Queres acrescentar algo mais ao teu discurso?

Ent.- Eu acho... eu acho que!... A minha exposição é natural!... Eu não tenho problema nenhum... nenhum!... Em ter uma conversa aberta com os pais... com uma criança... com uma auxiliar!...[ajeita o corpo na cadeira, fica ligeiramente curva sobre a mesa, coloca os cotovelos no tampo da mesa, aponta e toca com o dedo indicador na outra mão, oscila a cabeça]

Inv. - "...uma conversa aberta?"

Ent.- Uma conversa verdadeira!... Uma conversa de!... Eu acho que os docentes!... Que os educadores... ainda marcam muito o... ah!... As conversas são muito... escolarizadas!... É o assunto da escola!... Olhe!... O menino faltou!... Não pagou o almoço!... Faz falta mais qualquer coisa... para manter viva uma relação!... Uma proximidade mais real!... Uma conversa aberta!... Verdadeira!... De sentimentos!... Porquê?... Porque não?... Se naquele dia eu venho triste!... Porque não partilhar com eles?!... Porque é que estou triste?... Como eles me dizem de manhã as novidades!... Porque caíram!... Porque não foram passear!... Porque morreu o cão!... Por qualquer coisa!... Porque não posso eu partilhar?... Porque é que não me exponho ao meu grupo como um ser humano!... Para eles perceberem que os adultos também têm dias bons e dias maus!...[endireita o corpo, flete-o para a frente, oscila a cabeça para a frente, levanta os ombros, o sobrolho, sorri]- É aí é que eu acho que!... E nas famílias!... Com as famílias é a mesma coisa!... As famílias que é um parceiro que eu privilegio muito!... É a mesma coisa!... Acho que as famílias têm que sentir uma segurança na educadora!... Não, como uma pessoa distante!... Mas como uma pessoa próxima que também é mãe!... Com sentimentos!...[volta a oscilar a cabeça e esboça sorrisos longos que se estendem no rosto]

Inv. - “(...)A título de reflexão e desabafo sinto que em muitos casos atualmente as relações são muito “escolarizadas” e pouco “quentes” de afetos e carinhos.” Queres acrescentar algo mais a esta tua reflexão?

Ent.- É isso mesmo!... É aí que tem que haver a grande mudança!...[oscila a cabeça e estende os braços e toca com os dedos na mesa]- Os meninos saem do jardim de infância... que eu acho que ainda é um local muito privilegiado em afetos!... Pelo menos acho!...[flete a cabeça para a frente e sorri] - Depois mudam brutalmente!... Muda tudo na vida deles!... Muda o espaço, a sala, o contexto!... Muda o docente!... E depois fica uma relação muito distante!... O menino sentado!... Pode-se conquistar todo o currículo do 1º ciclo!... Muitas educadoras são assim!... Eu também falharei nalguma coisa!...[oscila a cabeça, toca com uma mão no peito, sorri ligeiramente]- Mas pode-se conquistar!... Eu acho fundamental essas conquistas com a proximidade física e com carinho!... O resto!... Depois tudo vem a seguir!...

Inv. - “(...) muitos “ V”, iguais e diferentes passaram pela minha vida, mas este foi o primeiro, o mais forte e aquele que hoje relembro como se fosse ontem (...)”?!

Ent.- Isto é a minha poesia!... Não tive... não tive qualquer dificuldade!... Para já a forma como enumero aí os factos...passados vinte anos!... Não tive qualquer dificuldade em relatar!... Está presente. Presente sempre!... [movimenta a cabeça e dirige o olhar para as folhas de papel]- Considero... vejo a cara dele!... Vejo o bibe aos quadradinhos... que ele usava... com vermelhos, amarelos e verdes!... Vejo tudo tal e qual como se fosse hoje!... Vejo os problemas respiratórios... bastantes!... Sempre com o narizinho... sempre... das feridinhas... aqui!... Que ele andava sempre ferido o Inverno inteiro!... Lembro como se fosse hoje!...[vagueia o olhar pelo espaço, olhos semi-cerrados, rosto sério]- Foi o primeiro que me marcou... doutra forma! Da minha... da minha... e que me calejou... e que me calejou!... Deu-me... deu-me uma certa segurança!... Uma certa bagagem!... Como lhe queiras chamar... para outros casos! Confirmou!... Eu acho que também confirmou... confirmou, às vezes, muita da teoria que recebemos e que não nos prepara para a prática!... [oscila várias vezes a cabeça e sorri ligeiramente]- Estes casos abanam-nos... abanam-nos!... Eu acho que agi da melhor forma!... Agindo desta forma... com estas palavras que tenho em maiúsculas!... Que se pode obter algum sucesso e daí não ter dificuldade em escolher esta experiência e lembrá-la, pois foi extremamente vivida!... Foi um grande desafio... Se calhar por me ligar muito emotivamente!... Eu a escrever este tipo de relatos choro!... Nem toda a gente tem que ser assim!... Mas eu sou assim!... Contudo,... contudo acho que não perco em ser assim!... Portanto, deixem-me ser assim!... Deixem-me ser aberta!... Emotiva quando tiver de ser!... Esta emotividade às vezes traz problemas!... Não nos libertamos tão facilmente quando os meninos vão embora!... Deixa um gostinho amargo na boca!... Mas sou assim há vinte anos!... [remexe-se várias vezes na cadeira, oscila a cabeça repetidamente, a voz sai trémula, olhar lacrimejado]

Inv. – *Referiste aqui o nascimento e a profissão da irmã?*

Ent.- Acho que era pertinente!... Acho que enriquecia o relato!... É engraçado porque ela está agora a viver o mesmo processo que vivenciei!... Educadora recém-formada!... A trabalhar numa instituição particular!... Parece que está a ter o mesmo percurso de vida!... Penso que se a experiência dessa família e nomeadamente da irmã que depois acompanhou, tivesse sido negativa!... Se o menino tivesse sido rejeitado!... Não tivesse sucesso na sua autonomia!... Na sua integração!... Foi um caso de sucesso e isso refletiu-se na postura daquela família no que se passou a seguir....Penso que a família nunca teria apoiado a escolha da filha!...se o sucesso não fosse aquele[recosta as costas na cadeira, flete a cabeça algumas vezes, sorri]

Inv. - “(...)Obrigado V, por me ensinares a ser melhor e um ser humano mais completo...”.
Porque agradeces e especificamente desta forma?

Ent.- Paula...pela bagagem que ele me deu!... Pelo que me ensinou!... Ensinou-me ... como ser humano... principalmente!... Como educadora... também!... [voz embargada e trémula, olhar húmido, movimentos do corpo na cadeira]- Vou falar como educadora, em primeiro lugar,... porque enriqueci!... Com ele foram experimentadas estratégias... e... e que posso um dia vir a trabalhar... com outros meninos!... Como ser humano... com o relacionamento!... Pelo relacionamento!... Pelo coração!... Pelos afetos!... Consegue ser um grande trabalho e ganhos muito positivos!... Portanto, ... eu acho que o ser humano!... Nós!... Cada ano somos mais completos!... Pelas relações que temos!... Somos um ser de afetos e... e... e ele... contribuiu significativamente para isso!... Pronto, sem dúvida que ele foi um marco importantíssimo!... [voz trémula, num tom baixo, quase impercetível,

movimentos de cabeça, sorrisos]

Inv. – “(...)Na Educação deixar falar o coração!...(...)”*queres acrescentar algo?*

Ent.- Deixar falar os afetos!... O V tinha que aprender a comer sozinho!... Tinha que participar!... Mas tudo a seu tempo!... Fazer isto!... Fazer aquilo!... Andar atrás de mim a chorar... triste!... Não!... Nós chegamos lá na mesma!... Mas primeiro trabalhamos a parte afetiva. [oscila a cabeça várias vezes, entoa a palavra “Não”, num tom mais elevado, esboça um sorriso longo]

Inv. – *Agora para terminar... porque escolheste esta experiência?*

Ent.- Porquê esta escolha?... Tenho muitas que poderia relatar!... Esta talvez porque... porque... pela minha... imaturidade!... A pouca experiência!... O ter terminado curso!... E... ter uma experiência tão forte!... Sem ajudas!... Sem os apoios que atualmente existem!... E depois porque aquela criança tem acompanhado... ao longo da vida... hoje, um homem e continua a lembrar!... Quer dizer... foi marcante!... Foi marcante porque tinha acabado de tirar o curso!... E devido à relação que se estabeleceu entre um e outro!... Eu até estabeleço uma relação boa com todas as crianças...mas a intimidade que se criou... com aquele menino!... Dentro e fora do jardim de infância... foi de facto muito... muito significativa!...[remexe-se na cadeira, levanta o olhar, vagueia pelo espaço, oscila a cabeça para a frente várias vezes, gesticula com as mãos, sorri longamente, voz ligeiramente trémula]

Inv. – Mais uma vez obrigado pela tua colaboração!

OBSERVAÇÃO Nº 1 (D1)

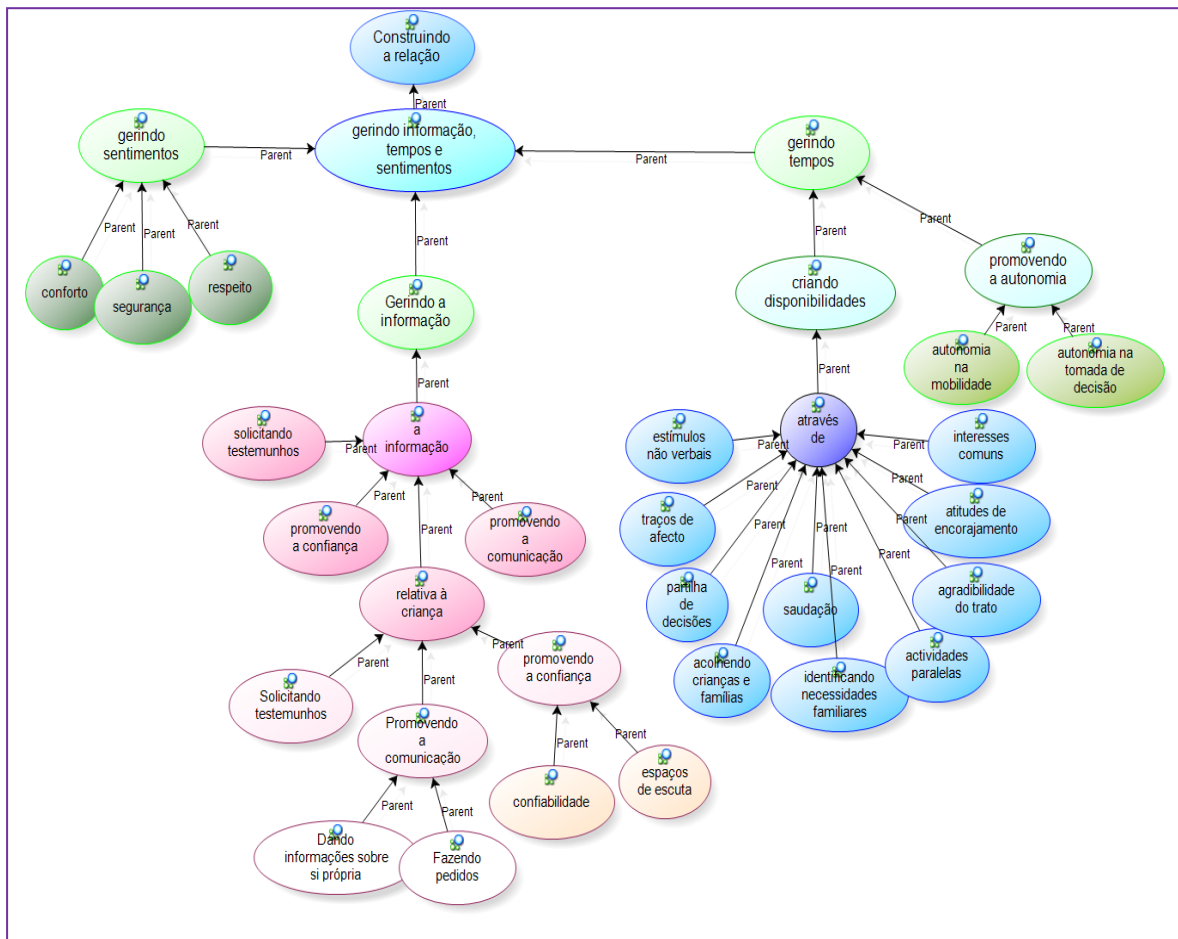
Excerto de diário de observação	Unidades de sentido	Memos	Unidades de significação
1	2	3	4
Um menino de estatura baixa, bibe comprido, muito por baixo dos joelhos, mangas dobradas, circula pela sala, anda de um lado para o outro, o olhar não se fixa em algo ou alguém, não produz qualquer ruído. Passa junto da educadora que está no centro da sala, esta olha para ele, pega ao colo, dá-lhe um beijo e diz-lhe: - M!... fofura!...vamos fazer um joguinho? O menino sorri, vai buscar um jogo e senta-se	<p>I.1- Um menino baixo.</p> <p>I.2- Um menino com um bibe comprido.</p> <p>I.3- Um menino com as mangas do bibe dobradas.</p> <p>I.4- Um menino circulando pela sala.</p> <p>I.5- Um menino andando de um lado para o outro.</p> <p>I.6- Um menino vagueando o olhar.</p> <p>I.7- Um menino fazendo silêncio.</p> <p>I.8- Um menino passando junto da educadora.</p> <p>I.9- Educadora estando no centro da sala.</p> <p>I.10- Educadora olhando para a criança.</p> <p>I.11- Educadora pegando ao colo.</p> <p>I.12- Educadora dando um beijinho.</p> <p>I.13- Educadora chamando pelo nome.</p> <p>I.14- Educadora chamando de forma específica</p> <p>I.15- Educadora fazendo uma proposta.</p> <p>I.16- Um menino sorrindo.</p> <p>I.17- Um menino indo buscar um jogo.</p> <p>I.18- Um menino sentando-se junto de uma mesa</p>	<p>Notas: Uma criança apresenta traços característicos específicos.</p> <p>Uma criança manifesta um comportamento específico.</p> <p>Educadora movimenta-se pelo espaço da sala.</p> <p>Educadora interage de forma específica sobre a variável da comunicação</p> <p>Memo: <i>Interação específica centrada em duas variáveis comunicação verbal e não-verbal</i></p>	<p>[I.1,I.2,I.3]- caracterizando a criança.</p> <p>[I.4, I.5, I.6, I.7, I.8]- criança manifestando um comportamento situado.</p> <p>[I.9, I.10, I.11, I.12, I.13, I.14, I.15]- educadora manifestando traços de relação personalizada. Educadora intervindo, recorrendo à interação verbal e não-verbal</p> <p>[I.16, I.17, I.18]- criança manifestando comportamentos de resposta [interação não verbal].</p> <p>MEMO- <i>Interação específica em contexto de sala, sobre uma dimensão temporal específica.</i> - Manifestando traços de relação. - Evidência de intervenção individualizada.</p>

ANEXO XIV- CODIFICAÇÃO ABERTA DA ENTREVISTA

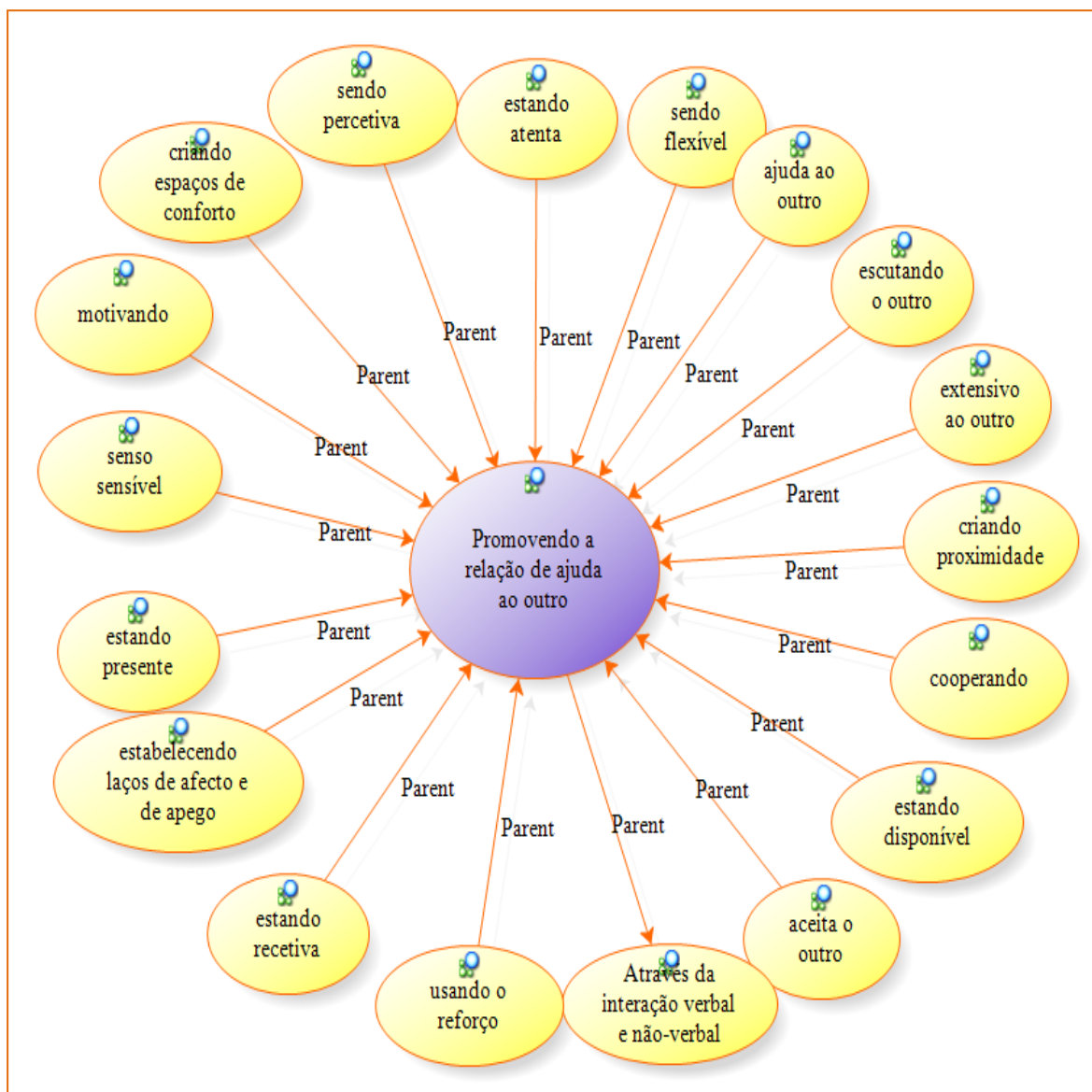
ENTREVISTA SOBRE A OBSERVAÇÃO Nº 1 (ENT.1/D1)

Excerto de entrevista	Unidades de sentido	Memos	Unidades de significação
1	2	3	4
<p><u>Ent.- É o M... tem apenas 3 anos ...o M é um menino muito caladinho... e que se isola um pouco...passa despercebido no meio dos outros... não perturba... mas precisa de um empurrãozinho para realizar as atividades.... Depois até gosta de fazer!... mas ser ele próprio a tomar a iniciativa... não!... Ainda não tinha dado pelo vaguear pela sala... quando tive essa percepção... intervim... O facto de ser desta forma...tem a ver com o facto de... já falámos disso... é o facto de apelar muitos aos afetos...na minha prática corrente... faço muito uso destes gestos... porque lhes dá confiança... e segurança... quando passou por mim... senti... senti que precisava de um gesto carinhoso ... uma palavrinha... e depois ele ... então estaria pronto para desenvolver a atividade... como de facto aconteceu... sozinho foi escolher um jogo... deslocou-se para o sítio certo.</u></p>	<p>I.1- Caracterizando a criança pelo: género; idade; comportamento; personalidade; iniciativa I.2- Refletindo que a sua intervenção é: I.2.1- Uma prática pessoal I.2.2- Apelativa aos afetos I.2.3- Ligada à comunicação gestual I.3- Pensando a intervenção como: I.3.1- Dando segurança I.3.2- Dando confiança I.4- Tendo a percepção do vaguear pela sala I.5- Sentindo no outro: I.5.1- Necessidade de carinho I.5.2- Necessidade de uma palavrinha (conforto) I.6- Intuindo a capacidade no outro: I.6.1- Desenvolver a atividade (motivação) I.7- Caracterizando o comportamento de resposta - Decidindo ir sozinho - Decidindo a escolha do jogo - Movendo-se para o local certo</p>	<p>Notas: A educadora faz uso: - Uma prática corrente e pessoal muito ligada à dimensão dos afetos - Uma prática ligada às sensações</p> <p>Memo: <i>Educadora levantando traços identificativos que caracterizam a criança, como dados preliminares de diagnósticos conducentes a uma prática específica, situada de interagida.</i> <i>O conhecimento do outro é implicante no processo de extensibilidade.</i></p>	<p>[I.1]- Caracterizando a criança.</p> <p>[I.2; I.2.1; I.2.2; I.2.3]- Caracterizando a dimensão pessoal da profissionalidade.</p> <p>[I.3; I.3.1; I.3.2]- Pensando a intervenção estratégica sobre uma dimensão de bem-estar no ato de cuidar.</p> <p>[I.4]- Estabelecendo a temporalidade da intervenção, associado ao comportamento.</p> <p>[I.5; I.5.1; I.5.2] – Intuindo necessidades de afeto, perspectivadas numa dimensão de conforto.</p> <p>[I.6; I.6.1; I.7]- Intuindo as capacidades e as consequências da relação criada.</p> <p>MEMO- Revelando traços representativos da manifestação e desenvolvimento da relação.</p> <p><i>Evidência de processo de intervenção em simultâneo com avaliação.</i></p> <p><i>Faz uso das dimensões pessoal, profissional e sensorial.</i></p>

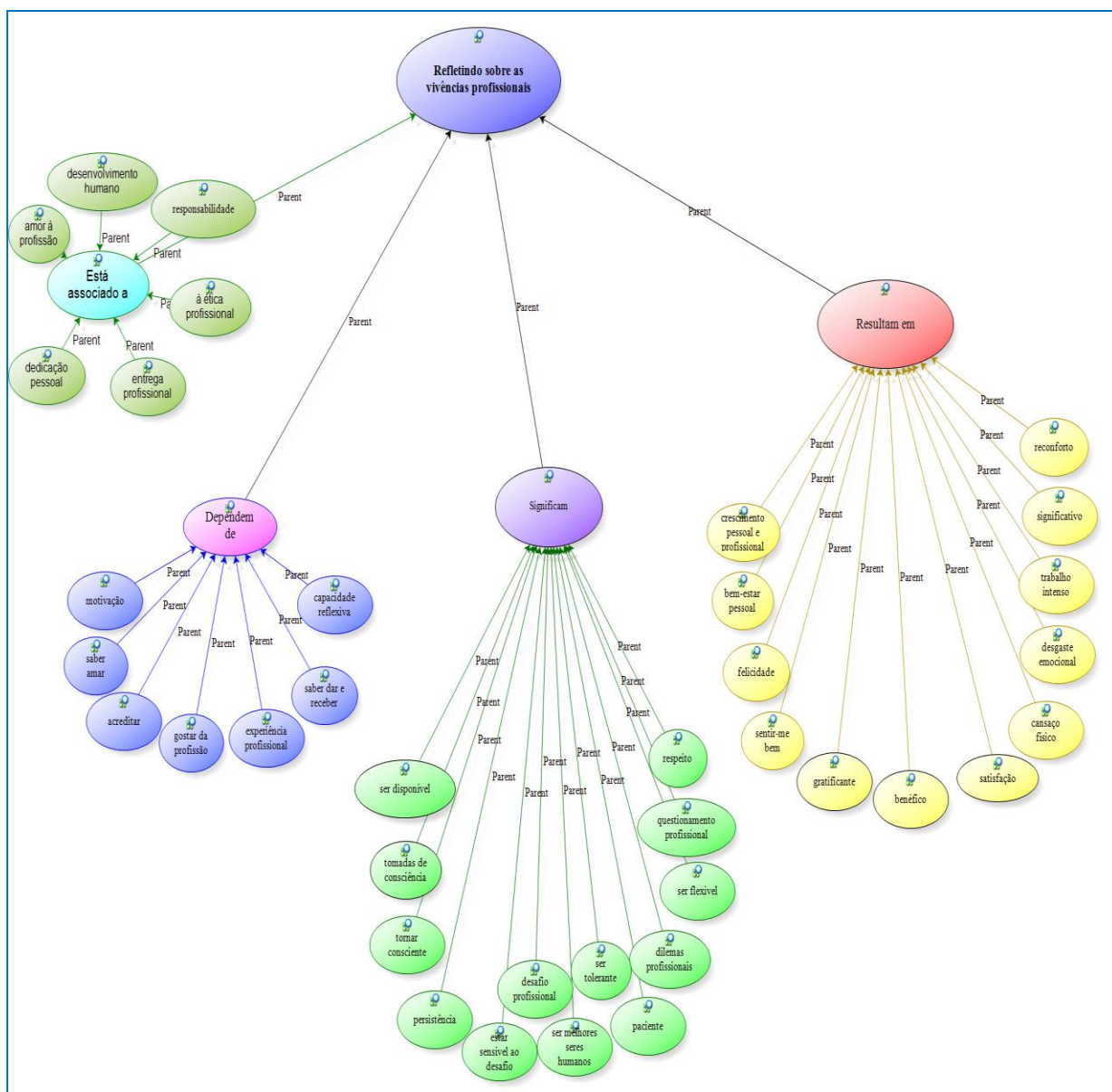
ANEXO XV- CATEGORIA: “GERINDO INFORMAÇÃO, TEMPOS E SENTIMENTOS”



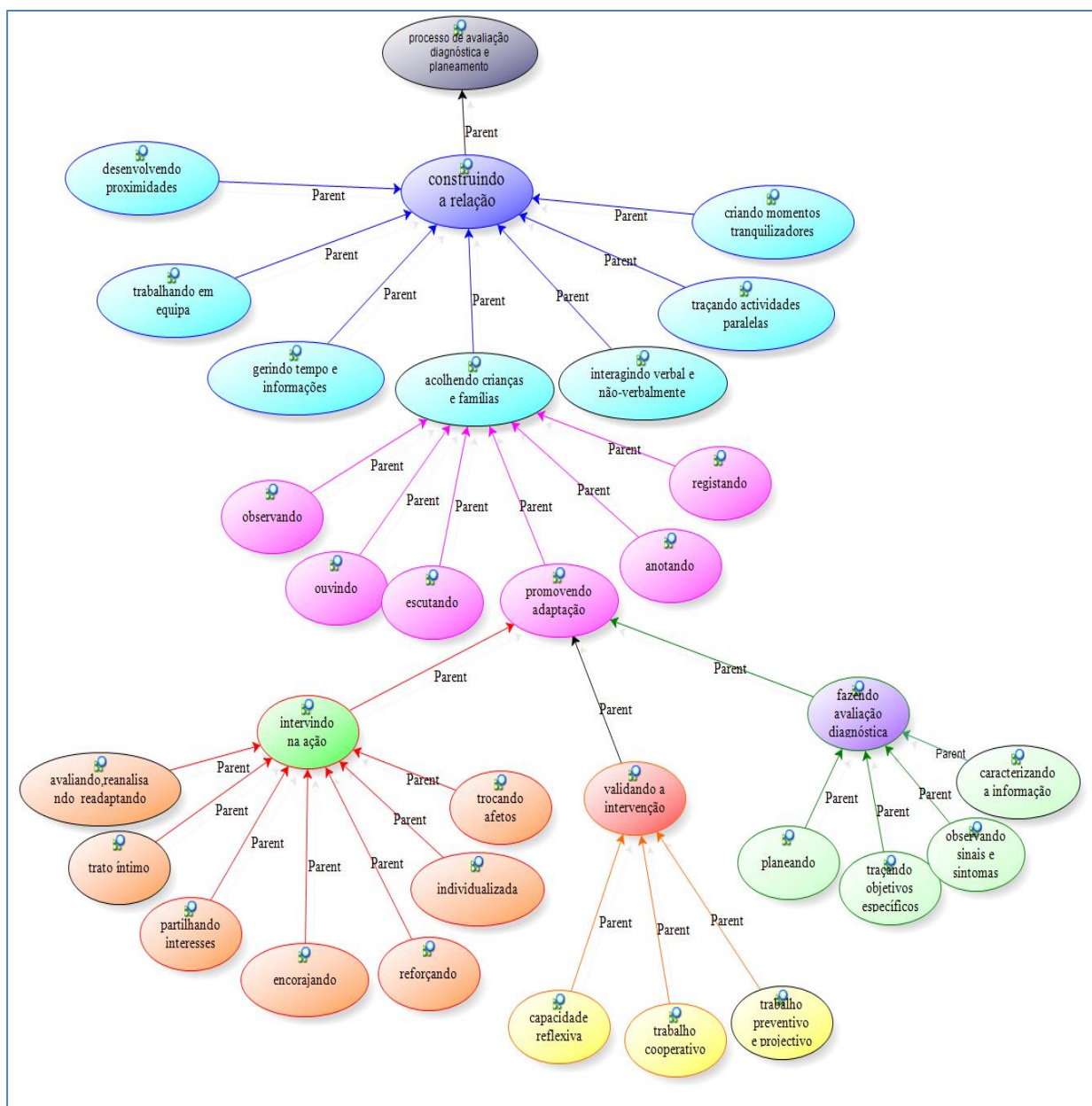
ANEXO XVI- CATEGORIA PROMOVENDO A RELAÇÃO DE AJUDA



ANEXO XVII- REFLETINDO SOBRE AS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS



ANEXO XVIII- PROCESSO DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E PLANEAMENTO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
AGRUPAMENTO VERTICAL DE MONTEMOR-O-NOVO
(ESCOLA BÁSICA DO 2º E 3º CICLOS S. JOÃO DE DEUS
MONTEMOR-O-NOVO-343201)

Exma. Senhora
Dr^a. Maria Paula Marmelo Mendes Maximino
Quintinha da Rebola, Lt 11
Apartado 228
7050-909 MONTEMOR-O-NOVO

Sua referência:

Sua comunicação:

Nossa referência:
Ofício n.º 682
Proc. Ind.

Data
04.ABR.2008

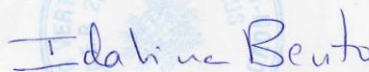
ASSUNTO *“Autorização para desenvolver o Projecto de Doutoramento no Agrupamento Vertical de Montemor-o-Novo”*

Em referência ao assunto supracitado, informamos V^a. Exa. de que os elementos que compõem o Conselho Pedagógico deste agrupamento deram parecer favorável ao Projecto de Investigação «A atitude diagnóstica enquanto Instrumento do desenvolvimento da acção educativa».

Sem outro assunto.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente do Conselho Executivo



Idalina de Fátima Paulo Bento

IB/DR

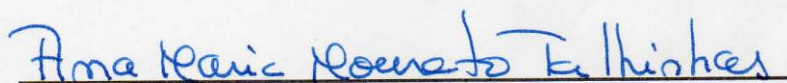
AGRUPAMENTO VERTICAL DE VENDAS NOVAS
CONSELHO PEDAGÓGICO
2007/2008

Informação

O Conselho Pedagógico do Agrupamento Vertical de Vendas Novas, na sua reunião ordinária do dia dezanove de Setembro de dois mil e sete, analisou o pedido de autorização da educadora Maria Paula Marmelo Mendes Maximino para desenvolver trabalhos em Jardins de Infância deste Agrupamento, no âmbito da sua tese de doutoramento e decidiu, por unanimidade, aceitar e autorizar o referido pedido.

Vendas Novas, 21 de Setembro de 2007

A Presidente do Conselho Pedagógico



(Ana Maria Mourato Talhinhas)